

ASTRÆA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



DEUS OMNIUM CREATOR
SECUM DEUM FECIT
VISIBILEM ET HUNC
FECIT PRIMUM ET SOLUM
QUO OBLECTATUS EST ET
VALDE AMAVIT PROPRIUM
FILIU ATQUE APPELLATUR
SANCTUM VERBUM.

HERMIS MERCURIUS TRIMECISTUS
CONTEMPORANEUS MOYSI

Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Ministro de Estado

Adelman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †
Brasil

Geraldo de Souza, 33º †
Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º
Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º
Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adelman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Ayla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Malba Tahan Macêdo Santos, 33º (11/03/2017)

Ronaldo de Brito Leite, 33º (11/03/2017)

Jorge Alexandre Pimentel Mege, 33º (11/03/2017)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do *Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil*

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro 009-R na *Associação Brasileira da Imprensa Maçônica*

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodré Lira Brandão, 33º**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional

Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

Impressão

Cop Gráfica e Editora Ltda.

Rua Baronesa do Engenho Novo, 189
20961-210 - Rio de Janeiro, RJ
grafica@copeditora.com.br

Tiragem desta Edição:
19.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Caos

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador



Meus Valorosos Irmãos

Início este artigo-Mensagem com a alma inquieta, preocupado com os rumos da sociedade universal.

Assistimos, por toda a parte, expressões de ódio, desprezo e antagonismos entre povos, alguns que sempre se distinguiram em expressar mensagens de fraterna convivência.

Neste nosso estremecido Brasil constatamos rivalidades que se aproximam da malquerenças e de promessas de destruição.

Nosso país sempre desenvolveu espírito fraterno em relação aos pensamentos divergentes, seja internamente, seja com as populações de países limítrofes e continentais.

Não podemos esquecer a admiração, respeito e tentativas de igualdade com os países mais desenvolvidos. Os ingleses, na época monárquica, mediante comportamento dos portugueses, que nos governavam, mais tarde, com os franceses e hodiernamente com os americanos do norte.

Aonde fazer parar esses paradigmas?

Há sinais de possível beligerância na Ásia, na África e, quem sabe, nas Américas.

É horripilante perspectiva.

É necessário fortes pensamentos e movimentos contrários, a fim de que neutralizem esta hecatombe apocalíptica.

Penso, então, na índole dos Maçons; na finalidade programática da Maçonaria Universal, para que nos oponhamos às possibilidades de que a civilização se decomponha.

É necessário sentimentos fraternos e pacíficos, visando um futuro de felicidade e harmonia nas sociedades nacionais e universal.

Avante, meus Irmãos, é missão individual e coletiva promover a concórdia entre os Povos.

A divisa *Ordo ab Chao* está presente em nossas ações e no propósito fundamental da Maçonaria: promover a **Felicidade da Humanidade**. ▲





O Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil

Ir.: **Francisco “Bonato” Pereira**, 33º
Membro Efetivo



(*) O Irm. **Francisco “Bonato” Pereira**, 33º PGM, escritor e historiador, além de Membro Efetivo do *Supremo Conselho de Mário Behring*, é Soberano Grande Inspetor Litúrgico da 1ª *Inspetoria Litúrgica Mário Mello*, de Pernambuco.

Introdução

Os Altos Graus da Maçonaria surgem na França e na Alemanha no século XVIII, quando são organizados os *Conselhos de Imperadores do Oriente e do Ocidente*, em Bordeaux e Paris (1758), os quais votaram as *Grandes Constituições do Rito de Heredom* (1762), normas para criação e funcionamento de *Corpos do Rito* com vinte e cinco Graus⁽¹⁾. Estes *Corpos*, todavia, não criaram o Rito de Heredom ou Rito da Perfeição, como era chamado. Organizaram a sua estrutura e o difundiram na própria França, na Alemanha e nas Antilhas, embora a eclosão da Revolução Francesa tenha impedido o seu desenvolvimento na França.

Uma carta patente (autorização) foi outorgada, em 17 de agosto de 1771, a **Étienne Morin**, comerciante francês, pela *Grande Loja de São João de Jerusalém e Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente*, de Paris, subscrita por **Chailon de Joinville**, Deputado Geral da Ordem, *Sublime Príncipe do Real Segredo*; **Príncipe de Rohan**, *Sublime Príncipe do Real Segredo*; **Lacorne**, Deputado do Grão

Mestre, *Príncipe Maçom*; **Maximilian de Saint Simon**, *Grande Eleito e Perfeito Cavaleiro*; **Lavallette de Bucheley**, *Grande Eleito, Perfeito Cavaleiro e Príncipe Maçom*; **Conde de Chiseul**, *Grande Eleito, Perfeito Cavaleiro e Príncipe Maçom*; **Boucher de Sennoncourt**, *Grande Eleito, Perfeito Cavaleiro e Príncipe Maçom*; **Brest de La Chause**, *Grande Eleito e Perfeito Cavaleiro e Príncipe Maçom*; e **Danbardin**, *Secretário da Grande Loja e do Sublime Conselho de Príncipes Maçons de França*.

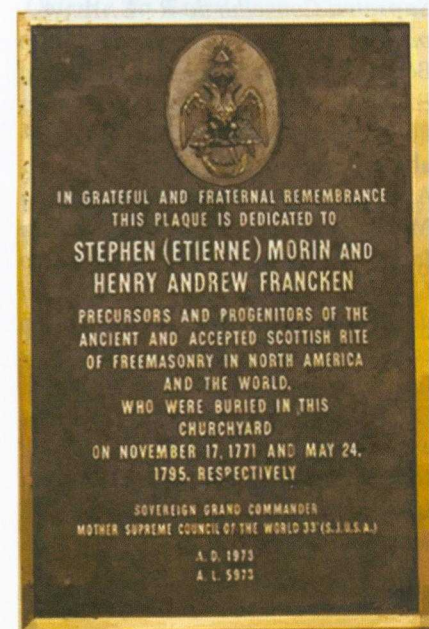
A carta patente de **Morin**, que tinha negócios nas Antilhas Francesas, dava a ele "o inteiro poder para formar e estabelecer uma loja, com o fim de nela receber candidatos e estender a *Real Ordem de França* iniciando *maçons em todos os perfeitos e sublimes graus, cuidar dos estatutos e regulamentos gerais da Grande e Soberana em particular, para que se cumpram e se observem e não admitir jamais em seu seio senão verdadeiros irmãos da Sublieme Ordem*."⁽²⁾

Morin, autorizado por este documento, implantou nas Antilhas o Rito de Heredom, de vinte e cinco graus, cons-



tituindo Maçons como Deputados Inspetores Gerais do Rito, entre 1763 e 1767. Um destes Deputados Inspetores Gerais foi o mercador holandês **Henry Andrew Francken**, que se estabeleceu em Albany, Nova York, onde criou uma *Loja de Perfeição* (graus 4 a 14) em 1767. Além de criar essa Loja em Albany, **Francken** copiou os graus em livros, em quatro versões (1771, 1783 e duas versões sem data). Os *Manuscritos de Francken* contêm as primeiras versões inglesas dos 21 graus, do 4º (Mestre Secreto) ao 25º (Cavaleiro do Real Segredo). **Morin** trabalhou nesse sistema de 25 graus e outorgou a **Francken** os mesmos graus recebidos na França. O sistema, na América, passou a ser chamado de *Ordem do Real Segredo*. Os graus do Rito de Heredom (Rito de Perfeição) proliferaram nas colônias inglesas da América, tornando-se populares e sem controle, gerando um verdadeiro caos. Há registro de oito desses Corpos da Ordem do Real Segredo que foram formados na América até 1800, a partir de New Orleans e Albany. A fraqueza da Ordem, porém, era a ausência de controle.

O Supremo Conselho - Sul, USA, colocou esta placa nos túmulos de Morin e Francken, que foram descobertos na Jamaica por Frederick William Seal-Coon, Past Master da Loja Quator Coronati nº 2076,

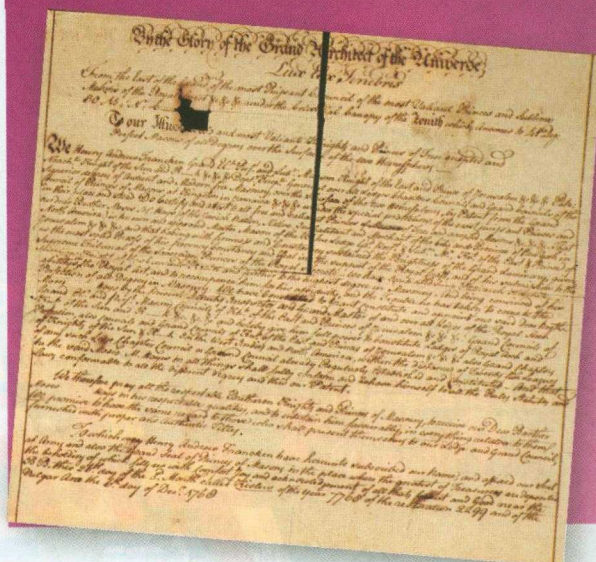


O primeiro Supremo Conselho do Mundo (1801)

Um grupo de Inspetores Gerais se reuniu em Charleston, Carolina do Sul, e reformulou o Rito de Heredom, acrescentando oito graus, chegando a 33, o último grau de Soberano Grande Inspetor Geral. A 31 de maio de 1801, o primeiro **Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.:.**, o **Conselho Mãe do Mundo**, composto de nove membros efetivos, declarou sua existência com o lema *Ordo ab Chao* (Ordem do caos) e declarou autoridade sobre a Maçonaria norte-americana. Esse primeiro Supremo Conselho do REAA foi composto por Coronel **John Mitchell**, Soberano Grande Comendador; Dr. **Fredrick Dalcho**, Tenente Grande Comendador; **Abraham Alexander**, Secretário Geral do Santo Império; **Emanuel de La Motte**; Tesoureiro Geral do Santo Império; Major **Thomas Bartolomew Bowen**; Grande Mestre de Cerimônias; **Israel de Lieben**; Dr. **Issac Auld**; **Moisés Clava Levy**; Dr. **James Moultrie**; **Jean Baptiste de la Hogue** e **Alexandre François Auguste de Grasse Tilly**, todos Soberanos Grandes Inspetores Gerais⁽³⁾

O novo Conselho Supremo tinha uma Constituição escrita e um plano para organizar e gerenciar os Corpos sob seu controle. O problema era controlar os Inspetores Itinerantes. A solução astuta foi convencer os Inspetores Gerais do Grau 25 a render fidelidade ao Supremo Conselho, recebendo em troca a autoridade para conferir até o Grau 32, o que os atraía a trocar a antiga patente e se submeter ao Supremo Conselho. A estratégia fez desaparecer os Inspetores independentes.

Organizado o **Conselho Supremo do Grau 33 do R.:E.:A.:A.:.** (1801), o **Conselho Mãe do Mundo**, este autorizou **Stephen Morin** (1802) a organizar um Supremo Conselho em Santo Domingo, nas Antilhas Francesas. Entretanto, a revolta dos escravos africanos levou à morte muitos europeus, inclusive os membros do Supremo Conselho de **Morin**, exceto **Antoine Bideaud**, que fugiu para Nova York. Nesta cidade, **Bideaud** encontrou cinco Maçons franceses interes-



Rara patente de 1768, concedida por Henry Andrew Francken, de Valley of the Craftsmen, publicação da Scottish Rite Research Society (2001)

sados, conferiu-lhes os graus e os organizou num *Consistório do Grau 32*, sem conhecimento do **Supremo Conselho do REAA**, em Charleston.

O Maçom francês **Joseph Cerneau**, joalheiro, mudou-se de Cuba para Nova York no mesmo ano em que **Bideaud** criou o seu *Consistório*. **Cerneau** tinha uma patente de um Inspetor da Ordem do Real Segredo que lhe dava poderes, mas limitados a Cuba, mas isso não o impediu de criar o próprio *Consistório* em Nova York.

O Soberano Inspetor Geral **Emmanuel de la Motte**, Grande Tesoureiro do SC de Charleston, foi enviado a Nova York (1813), para examinar a situação das facções e decidiu contra o grupo de **Cerneau**. **Motta** regularizou o grupo de **Bideaud** e organizou o segundo Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.: na América, depois chamado **Supremo Conselho do REAA para a Jurisdição Norte USA**, com autoridade sobre 15 Estados do oeste e nordeste. O **Conselho Supremo da Jurisdição Sul** tem autoridade sobre 35 Estados, mais o Distrito de Columbia e Porto Rico.

Os Supremos Conselhos do R.:E.:A.:A.: regulares do mundo têm origem no Supremo Conselho de Charleston⁽⁴⁾.





- Argentina (1858); 18° - Cuba (1859); 19° - México (1860); 20° - República Dominicana (1861); 21° - Turquia (1861); 22° - Egito (1864); 23° - Chile (1870); 24° - Paraguai (1870); 25° - Guatemala (1871); 26° - Hungria (1871); 27° - Grécia (1872); 28° - Suíça (1873); 29° - Canadá (1874); 30° - Tunísia (1880); 31° - Romênia (1881); 32° - Equador (1910); 33° - Iugoslávia (1912); 34° - Países Baixos (hoje Holanda, 1913); 35° - Panamá (1913); 36° - Polônia (1922); 37° - Checoslováquia (1922); 38° - Áustria (1925); 39° - Alemanha (1930); 40° - Bolívia (1931); 41° - Líbano (1934); 42° - Bulgária (1936); 43° - Filipinas (1950); 44° - Itália (1960); 45° - El Salvador (1960); 46° - Nicarágua (1961); 47° - Honduras (1961); 48° - Costa Rica (1961); 49° - Israel (1966); 50° - Irã (1970); 51° - Finlândia (1973); 52° - Luxemburgo (1976); 53° - Marrocos (1977); 54° - Gabão (1980); e 55° - Camarões (1981), Costa do Marfim, Togo.

ORDO AB CHAO



A tradicional contracapa que há anos adorna a Astréa reflete o relacionamento harmonioso do nosso Supremo Conselho com todos os Supremos Conselhos regulares do Rito Escocês Antigo do mundo.

O segundo Supremo Conselho foi criado na França (1804) pelo Conde de Grasse-Tilly, personagem interessante, participante da criação do Supremo Conselho de Charleston e do Supremo Conselho das Índias Ocidentais Francesas.

O terceiro Supremo Conselho foi organizado em Milão (1805) autorizado pelo Supremo Conselho da França que conferiu poderes a Pyron, Renier e Vital, Inspetores Gerais.

O quarto Supremo Conselho foi criado por Grasse-Tilly, oficial do estado-maior francês na invasão napoleônica

da Espanha, criou um Supremo Conselho do Grau 33 e organizou o Grande Oriente das Espanha e das Índias (4 de julho de 1811). Estes Corpos tiveram vida efêmera, porque organizados na esteira da ocupação da Espanha por Napoleão. Vencido este, os corpos feneceram.

A ordem da criação dos Corpos seguintes, segundo Naudon, foram os seguintes Supremos Conselhos(5):

- 5° - Estados Unidos (Jurisdição Norte, 1813);
- 6° - Países Baixos (hoje Bélgica, 1817), com autorização do Supremo Conselho da França;
- 7° - Venezuela (1824);
- 8° - Irlanda (1826), com autorização do Supremo Conselho dos Estados Unidos (Sul);
- 9° - Peru (1830);
- 10° - Brasil (1832), como autorização do Supremo Conselho do Reino dos Países Baixos;
- 11° - Colômbia (1833);
- 12° - Haiti (1836);
- 13° - Portugal (1842);
- 14° - Inglaterra e Gales (1845);
- 15° - Escócia (1846);
- 16° - Uruguai (1856);
- 17°

O Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil

Organizado no Brasil o Supremo Conselho para o Império do Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito em 12 de novembro de 1832, pelo Maçom Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, como Soberano Grande Comendador, tendo o Contra-Almirante David Jewett, da Marinha Imperial, como Lugar Tenente Comendador. Montezuma recebera autorização do Supremo Conselho do R. E. A. A. para o Reino dos Países Baixos (então Bélgica e Holanda), chamada de Carta Patente, instalado, ao que parece, com quatro membros: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, David Jewett, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e Candido Ladislau Japiassu Figueiredo, como Supremo Conselho para o Império do Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito, no edifício da Praça da Ajuda, no Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil. Os demais membros foram recebidos a partir de 5 de dezembro de 1833. Jose Bonifácio de Andrada e Candido Ladislau Japiassu, no Grau 33 e outros no Grau 32(6).

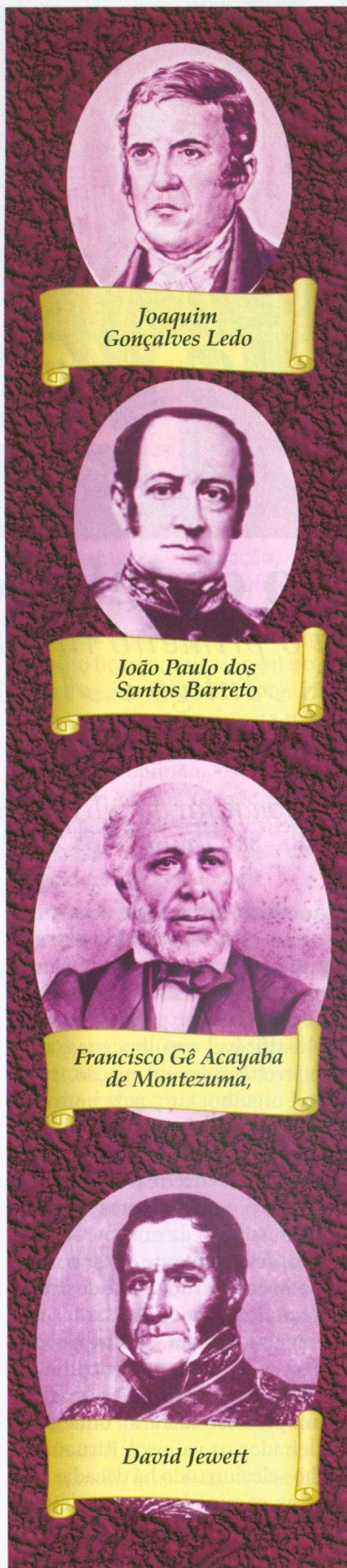


Antes da autorização outorgada a **Montezuma** (1829) para fundar um Supremo Conselho do REAA, dois Maçons receberam autorização para fundar de Corpos do Rito no Brasil. O primeiro foi **David Jewett**, Almirante da Marinha Imperial do Brasil, nascido nos Estados Unidos, recebeu do *Grande Consistório do Supremo Conselho dos EUA para a jurisdição Norte*, de Nova York, a *Carta Patente* (de 4 de novembro de 1826) para fundar Corpos do R.:E.:A.:A.: no Brasil, assinada por **Joseph Cerneau**, **DeWitt Clinton** (Sob.: Gr.: Com.:) e mais onze membros. **Jewett** não usou o documento até 1832. Aceitou o cargo de Lugar Tenente Comendador no Supremo Conselho fundado por **Montezuma**.

O segundo foi **João Paulo dos Santos Barreto**, Marechal do Exército, com *Carta Patente* do *Grande Consistório de Ritos do Grande Oriente de França* para fundar Lojas, Areópagos, Capítulos e Consistórios de Príncipes do Real Segredo⁽⁷⁾.

A História do **Supremo Conselho do Grau 33 para o Império do Brasil** pode ser dividido em sete períodos:
 (a) 1º Período (1832 – 1835) – Administração **Montezuma** (1832-1835);
 (b) 2º Período (1835 – 1840) - Administração **Andrada Machado**;
 (c) 3º Período (1840 – 1847) – Administração **Conde de Lages**;
 (d) 4º Período (1847 – 1854) – Administração **Conde de Caxias**;
 (e) 5º Período (1854 a 1925) – *Supremo Conselho* confederado ao **Grande Oriente do Brasil**, com Administração unificada;

A primeira Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito foi a Loja Educação e Moral, fundada em 1829, por Joaquim Gonçalves Ledo e João Paulo dos Santos Barreto, que tinha Carta Patente do Grande Oriente de França. Francisco Gê Acayaba de Montezuma tinha Carta do Supremo Conselho dos Países Baixos e David Jewett, do Supremo Conselho Cerneau, de Nova York.



(f) 6º Período (1925 – 1927) – **Supremo Conselho do Grau 33 para os Estados Unidos do Brasil**, confederado ao Grande Oriente do Brasil, com Administrações separadas;

(g) 7º Período (1927 – 2015) – **Supremo Conselho do Grau 33 para os Estados Unidos do Brasil**, depois **Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**, com administração autônoma.

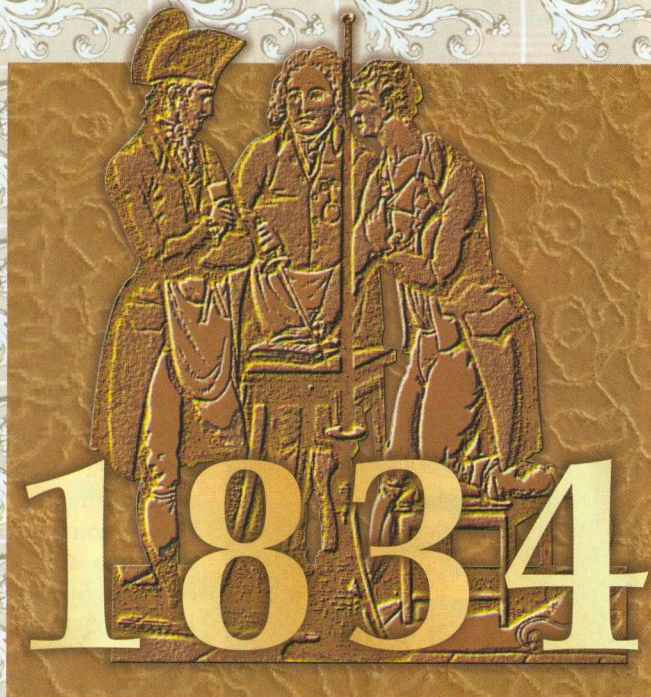
Entre 1927 e 1928, foram criadas as nove primeiras **Grandes Lojas do Brasil**, com Cartas Constitutivas do **Supremo Conselho**, administrando os Graus Simbólicos do 1 ao 3, vinculadas por tratado com o Supremo Conselho, administrando os Graus Filosóficos do 4 ao 33. A partir de 1932, foram organizadas, nos Estados, as demais **Grandes Lojas** brasileiras, com Cartas Constitutivas outorgadas pela **Grandes Lojas** já existentes.

(continua)

Referências

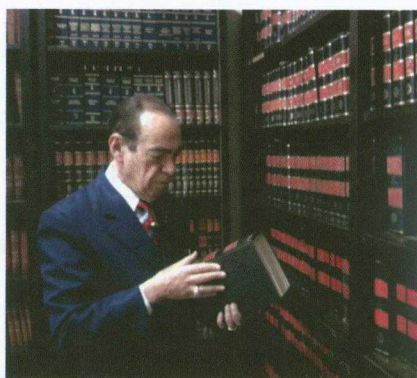
- (1) MORRIS, Brent. *The Scottish Rite*: New York: 2006, Capítulo 9.
- (2) LANTOINE. *História da Maçonaria da França e ASTREA, Órgão do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA para os Estados Unidos do Brasil*, Janeiro de 1927, pp. 53-54.
- (3) HARRIS, Ray Baker. A, 1964.
- (4) HARRIS, Ray Baker. *A História do Supremo Conselho Grau 33º, 1801-1861, USA* 1964)
- (5) NAUDON, Paul. *Histoire, Rituels et Tuiler des Hauts Grades Maçonniques*, Paris, 1984, p. 178-91):
- (6) PROBER, Kurt, *História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil (1832-1927)*, p. 24-25.
- (7) ISA CHAN ISA, *Achegas para a História da Maçonaria no Brasil*, edição do autor, p. 263.





A Cerimônia de Iniciação *de acordo com o primeiro ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito impresso no Brasil*

*Ir. Joaquim da Silva Pires, M.:I.:
GOB – São Paulo-SP (*)*



(*) O Irm. **Joaquim da Silva Pires, M.:I.:**, portador da maior láurea concedida pelo **Grande Oriente do Brasil**, a Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I, é Orador Emérito da **ARLS Estrella da Syria** e Membro Honorário da **ARLS Piratininga**, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu sete livros e está preparando um oitavo.

Alguns momentos antes de escolher o tema a ser desenvolvido, corporificaram-se em mim, simultaneamente, duas eternas forças psicológicas antagônicas, proporcionando-me justificável orgulho, mas, também, irrefreável preocupação. Justificável orgulho, sim, pela honra de, novamente, fazer uso de significativo espaço gráfico na sempre renomada *Astréa*. Irrefreável preocupação, sim, porque, temeroso, sinto o arrojante peso da enorme responsabilidade adveniente de ter o nome inserido entre articulistas de primeira grandeza, que cintilam nesta prestigiosa Revista. Aturdido pela minha hesitação na escolha do tema, eu me socorri, mais uma vez, de um precioso sacrário, onde estão enfileirados os valiosos Rituais que venho selecionando há décadas. Ao abrir as geminadas portas daquele móvel, sobre o qual já me referi em anterior trabalho, elas me parece-

ram dois acolhedores braços estendidos para mim, à espera de reciprocidade, enquanto eu vislumbrava de soslaio, as posições dos salientes ponteiros do contíguo relógio colonial, movimentando-se continuamente, alheios à indecisão que me afligia. Naquele instante, à semelhança de um sonho, tive a impressão de ouvir o sussurro de um efêmero abantesma, a sugerir que eu escolhesse alguns dos textos do primeiro Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito impresso no Brasil.



Pronto! Agora que ultrapassei o prêmio, tenho já em mãos o citado Ritual. Ele foi impresso em decorrência de iniciativa particular da *Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C.^a*, localizada na Rua do Ouvidor, nº 96, Rio de Janeiro



Deu-se o fato no ano de 1834, conforme consta da capa do mencionado Ritual, que, aliás, não tinha essa denominação, mas, sim, *Guia dos Maçons Escoceses ou Reguladores dos Três Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito* e, na parte reservada aos Aprendizés, *Guia dos Maçons do Rito Escocês* (os Respeitáveis Irmãos Leitores já verificaram que mantive a grafia daquela época). Para elaborar os presentes comentários, deixo para trás as folhas iniciais do Ritual em exame, concernentes aos pormenores da Abertura da Loja (Abertura diferente da que vemos hoje), passo pelo posterior ingresso dos Irmãos Visitantes, detendo-me somente na Cerimônia da Iniciação.

É sobre ela que irei escrever.

Capa do ritual impresso pela tipografia Seignot-Plancher & C.^a, iniciativa da empresa particular e não encomendada por alguma Potência.

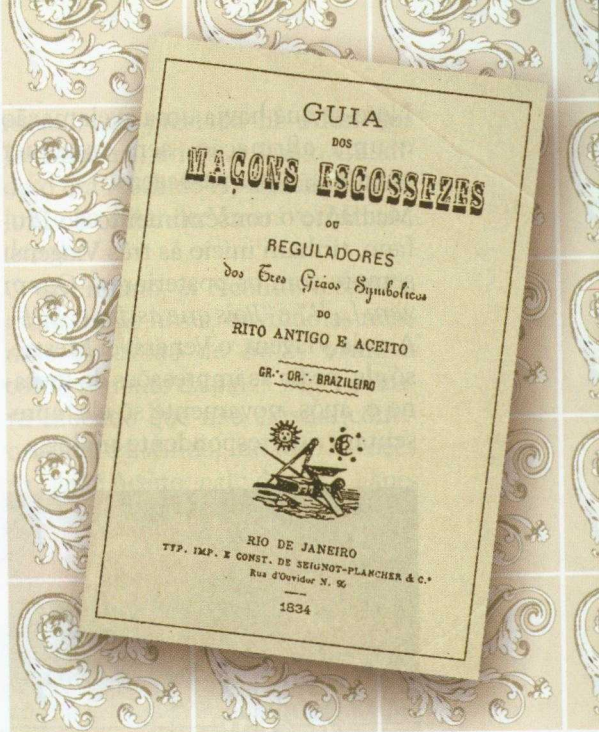
modo que a ausência de acentos, hoje obrigatórios, deve ser debitada à grafia da época).

Terminada a Oração, o Venerável Mestre perguntava ao Profano em quem depositava sua confiança. Dada a esperada resposta, era feito “o mais profundo silêncio”.

Novas perguntas eram endereçadas pelo Venerável Mestre ao Candidato, que respondia se acreditava em um Ente Supremo (eu pretendia comentar essa indagação, sob o exclusivo ângulo filosófico, mas desisti de fazê-lo, depois de pensar mil vezes, e não só pelo fato de que o trabalho ficaria muito longo) e o que entendia por virtude e por vício. Tornava-se óbvia a primeira resposta (os tempos mudaram; por isso, em minha opinião, os Rituais de hoje, pelo menos os que possuem essa pergunta, deveriam exigir que o Candidato fundamentasse a resposta, qualquer que ela fosse).

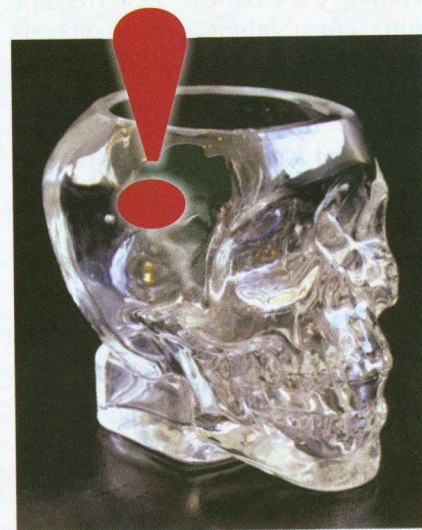
Antevendo o que seria respondido, o Venerável Mestre, elucidando que aquela crença enobrecia o coração do Candidato, não constituindo só atributo do filósofo (não nos esqueçamos, porém, que existem filósofos ateus e filósofos agnósticos), mas do selvagem, também. Quanto à virtude e ao vício, independentemente dos conceitos apresentados pelo Profano, o Venerável Mestre, afirmava ser a primeira “uma disposição da alma, que a induz a fazer o bem” e ser o segundo “O oposto da virtude. É o hábito desgraçado que nos arrasta para o mal [...]” (esclarecendo que não sou fumante e não bebo, nem “socialmente”, pergunto aos Respeitáveis Irmãos Leitores: o tabagismo e o alcoolismo são vícios ou doenças?).

Afirmando que toda a sociedade tem leis particulares e que todo o associado tem deveres a cumprir, cabia ao Venerável Mestre, só a ele,



e não ao Orador, dizer quais os três deveres de um Maçom, que são os mesmos de hoje, apesar de que não eram e continuam não sendo só três, porque o segundo dever possuía e continua possuindo subdivisões.

Terminada a leitura, havia a cena da Taça Sagrada, “tão fatal aos perjuros” (esse é outro texto que exige reflexão). O Juramento era igual ao de hoje. Após a bebida amarga, o Venerável Mestre exclamava: “*Que vejo, Senhor! [...]*” e, depois, afirmava: “*alteram-se as vossas fei...!*”. Mais tarde, em lugar de “*as vossas fei...*”, ficou: “*altera-se o vosso semb...!*”.

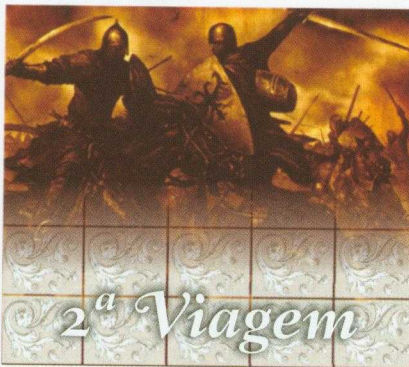


Note-se que havia uma exclamação e uma afirmação, sem qualquer pergunta, nessa passagem.

Mediante o consentimento do Profano, tinham início as três Viagens, sempre com os posteriores “*Quem vem [...]?*” e “*Pois que assim é, [...]*”. A cada Viagem, o Venerável Mestre, só ele, pedia as impressões do Profano e, após, novamente só ele, apresentava a correspondente analogia.



A primeira Viagem, com os mesmos ruídos que continuam sendo hoje produzidos, era considerada “*o emblema da vida humana, o tumulto das paixões, o choque de interesses opostos [...]*”. É necessário acentuar que não havia a mínima referência ao **Ar**, conforme viria a ocorrer no **Grande Oriente do Brasil** e nas **Grandes Lojas Estaduais**. Em algumas destas últimas, a do **Estado de São Paulo**, por exemplo, desde seu primeiro Ritual, impresso em 1928 (sim, 1928, ano posterior ao da Cisão), na *Typographia Delta*, da Rua Dias da Cruz, nº 129, Rio de Janeiro, sob a orientação pessoal do Irm.: **Mário Marinho de Carvalho Behring**, há uma associação com a Família e a Criança. Esse trecho é uma cópia (atenção, Respeitáveis Irmãos Leitores!) do *Ritual do Rito Moderno*, do **Grande Oriente do Brasil**, impresso em 1892, na *Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro (não consta o nome da artéria pública), por força do Decreto nº 109-GOB, de 30 de julho do citado ano. Essa associação com a Família e a Criança permanece até hoje, no Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito da **Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo** (das edições que possuo, a mais recente é a 9ª, onde não consta o nome da tipografia que a imprimiu).



A segunda Viagem era feita em “*um terreno mais plano*”, “*menores as dificuldades*” (no original, o último vocábulo tinha ff) e os ruídos representavam “*os contínuos combates que o homem virtuoso tem o dever de sustentar para triunfar dos [...]*” (no original, conforme a grafia da época, triunfar está com **m**, antes de **ph**). Havia a purificação pela Água, mediante a introdução das mãos do Profano em um vaso com o sublinhado líquido, e enxutas pelo Mestre de Cerimônias (atualmente, no **Grande Oriente do Brasil**, a tarefa cabe ao Primeiro Experto, depois de o Profano ser conduzido pelo Segundo). O que eu assinaiei, relativamente à analogia feita por **Grandes Lojas Estaduais** (não todas) na primeira Viagem, copiando o *Ritual do Rito Moderno*, do **Grande Oriente do Brasil**, de 1892, foi repetido por elas na segunda Viagem, desta vez associando o Discípulo e o Mestre.



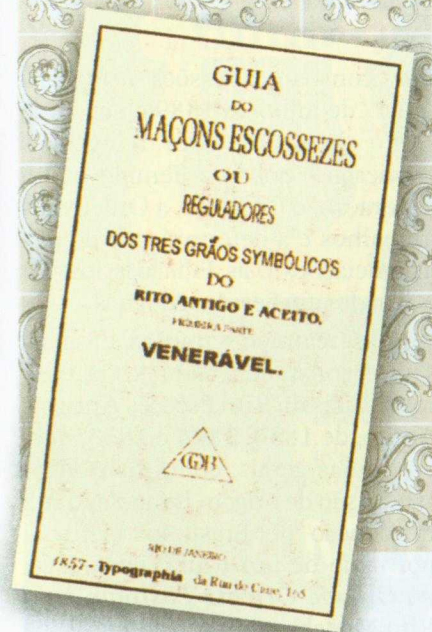
A terceira Viagem era feita em “*um terreno sem obstaculo algum [...]*” (a falta de acento no segundo substantivo, conforme a grafia da época, é do próprio original). A purificação era complementada pelo **Fogo**.

Conduzido pelo Irm.: **Terr** .:, o Profano passava pelas chamas postas nos Altares dos Vigilantes, sem maiores explicações sobre os possíveis recipientes de onde saíam essas chamas. Com referência à interpretação simbólica, as chamas não eram consideradas só purificadoras mas, também, uma exortação à luta na defesa da Justiça e da Verdade. Nesta oportunidade, tenho o dever de acentuar que, na terceira Viagem, as **Grandes Lojas Estaduais** não copiaram a analogia constante do já citado *Ritual do Rito Moderno* (para ilustração, assinalo que o último citado Ritual associa a Idade Madura e o Amigo). Estando aberto o assunto, aproveito o ensejo para dizer que quase tudo o que elas, as **Grandes Lojas Estaduais**, copiaram, ao longo de todos os seus Rituais, é proveniente do Rito Escocês Antigo e Aceito do **Grande Oriente do Brasil**, edição de 1857, impressa na *Typographia Austral*, da Rua do Cano (depois Rua Sete de Setembro), nº 165, Rio de Janeiro, em conjunto com a edição de 1922 (na capa está escrito 1923, mas há o necessário esclarecimento na parte interna), impressa na *Off. da E. P. Maçônica José Bonifácio* (ou seja, *Oficina da Escola Profissional Maçônica José Bonifácio*), da Rua Paraguaí, nº 72, Rio de Janeiro.

Após a oferta do sangue, a aplicação do selo maçônico, a oferta da esmola, e o contra-senso da prematura lição do Mestre de Cerimônias sobre os passos de Aprendiz (antes do recebimento da Luz!), havia a “*solemne obrigação*”, “*na presença do Gr.: Arch.: do Univ.:* (tudo conforme a grafia do original), que terminava com “[...] onde o fluxo e o refluxo [...]”. Essa Obrigação era prestada no **Altar dos Juramentos**, tanto quanto ocorre hoje, no **Grande Oriente do Brasil** e nas **Grandes Lojas Estaduais**.

Concluído o citado ato, o Profano beijava a Bíblia três vezes (essa exigência constituía um evidente absurdo, pois o Profano poderia ter convicções contrárias a essa prática). Em seguida, retirava-se, mo-





Guia dos Maçons Escossezes (1857), que serviu de base para os rituais de todas as Potências

mentaneamente, a tarja negra que lhe cobria os olhos, para que ele pudesse presenciar a cena do “*clarão pallido e lugubre*” (conforme a grafia da época). A referida cena foi mantida no **Grande Oriente do Brasil**, durante vários anos, no Rito Escocês Antigo e Aceito, e continuou a existir na tradicional Potência Maçônica, porém no Rito **Adonhiramita**. As **Grandes Lojas Estaduais**, de modo geral, usavam a cena de São João. Deve ser observado que, no Ritual da Sereníssima **Grande Loja Simbólica de Mato Grosso do Sul**, edição de 1974 (não consta nome de tipografia), há ambas as cenas. Mais estranho é o que está no Ritual da **Grande Loja do Pará**, edição de 1980 (não consta o nome de tipografia), onde há um ato que se assemelha bastante à “*Cena da Traição*”, exclusiva do Rito Adonhiramita.

Prestada a “*solemne obrigação*” (pela ortografia original, havia um m antes do n), o Candidato voltava a ser vendado. O ato seguinte era o do recebimento da **Luz**. Sempre que examino o citado trecho, indago a mim mesmo e fico imaginando quais os recursos materiais (talvez tocheiros de resina) usados na reali-

zação do ato, porque a luz elétrica só foi concretizada, comercialmente, em 1879, graças à lâmpada de filamento incandescente, inventada por **Thomaz Edson**, apesar de que a iluminação elétrica nas artérias públicas é posterior, advindo após os testes com a corrente alternada, feitos pelo cientista sérvio **Nicola Tesla**. Mas, não é nessa curiosidade que está a importância do assunto, mas no fulgor que passa a inundar o mundo íntimo de quem possui penhores para receber a Iluminação. Lembremo-nos de que os próprios raios solares, apesar de todo o seu irrefragável poderio, não conseguem chegar ao solo das frondosas florestas, porque são toldados pelas grossas folhas superpostas. Em situação outra, aqueles mesmos raios, derramados em campo fértil, sobre sementes propícias, atravessam todo o nevoeiro matinal e garantem o êxito das boas colheitas.

Conduzido junto ao Altar do Venerável Mestre, e não ao Altar dos Juramentos, o Candidato era recebido Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito e membro ativo da respectiva Loja, quando, com a Espada (que não tinha o nome de flamejante e, talvez, nem o formato ondulado), o Venerável Mestre fazia o mesmo que continua fazendo hoje. Diante do exposto, vimos que a Obrigação, a “*solemne obrigação*”, na qual o Profano dizia “*Juro e prom-*

meto”, era prestada no Altar dos Juramentos, antes, e que o Candidato era recebido Aprendiz Maçom junto ao Altar do Venerável Mestre, depois.

O ex-Profano, já Neófito, recebia o avental e as luvas, ouvindo as mesmas palavras de hoje; tomava conhecimento da pal.: sag.: e ficava sabendo que não existia (continua não existindo), no Rito Escocês Antigo e Aceito, pal.: de pas.: ; apesar disso, tomava conhecimento da pal.: sag.: e da pal.: de pas.: do Rito Moderno; aprendia do Mestre de Cerimônias, a bater à porta, na condição de Aprendiz Maçom; aprendia a marchar à or.: , ou seja, com o si.: gut.: , de um modo que já não se marcha hoje (os Respeitáveis Irmãos Leitores já entenderam!); ocupava seu lugar, que era, então, na Coluna do Sul; testemunhava a tríplice proclamação; ouvia e retribuía os aplausos, por iniciativa do Mestre de Cerimônias e ouvia a cobertura dos aplausos.

Em seguida, o Orador, só o Orador, fazia uso da palavra.

No momento seguinte, girava o Tronco de Beneficência, cujo produto, conferido, era anunciado pelo Venerável Mestre. O Secretário lia o esboço dos trabalhos e, sobre tal esboço, apenas sobre ele, aí sim, a palavra era concedida às Colunas.



Finalmente, feita a Oração, havia a Cerimônia do Encerramento da Loja. Se não fosse tarde, era lida uma Instrução, impressa no Ritual.

Naquele mesmo ano de 1834, a referida *Typographia Seignot-Plancher & C.^a* imprimiu uma segunda edição, possivelmente por encomenda do Supremo Conselho, e, ainda nesse ano, imprimiu uma terceira edição por encomenda do **Grande Oriente Brasileiro**, que, mais tarde, viria a ser mais conhecido por **Grande Oriente do Passeio**, porque, em seu período áureo, esteve sediado na Rua do Passeio, nº 36, Rio de Janeiro.

A única diferença encontrada na terceira edição está no fato de que o Candidato, em lugar de beijar a Bíblia três vezes, beijava a Constituição. Seria mesmo a Constituição profana, do Império, de 25 de março de 1824, ou seria o *Estatuto de Direito Privado*, de 1832, daquela citada Potência Maçônica? Atualmente-

te, há quem exiba cópia, que não é fiel, da referida segunda edição, com a capa vermelha, desfigurando o original, e com a Introdução adulterada por computador, apresentando grafia moderna. Uma quarta edição foi impressa, em 1845, pela *Typographia Bintot*, da Rua do Sabão, nº 70, Rio de Janeiro.

Naquela época, isto é, em 1845, o **Grande Oriente do Brasil** possuía um Ritual próprio, mas era do Rito Moderno, impresso em 1837 na *Typographia Austral*, do Beco de Bragança, nº 15, Rio de Janeiro. Do Rito Escocês Antigo e Aceito, o primeiro Ritual do **Grande Oriente do Brasil** foi impresso em 1857, em face de encomenda feita em 1º de outubro do ano anterior, à *Typographia Menezes*, da Rua do Cano (depois Rua Sete de Setembro), nº 165, Rio de Janeiro. Manteve-se o texto ao longo de trinta e quatro anos. Depois, introduziram-se modificações ditadas pelo **Supremo Conse-**

lho, consoante Sessões realizadas em 1º de julho de 1889 e em 1º de julho de 1898, com relevantes explicações sobre o Templo e sua decoração, o *Cobridor*, a Ordem dos Trabalhos e a determinação de que as Iniciações e as Filiações fossem efetuadas em Sessões Magnas

Muitas, realmente muitas, das passagens constantes daqueles primeiros Rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito, de 1834, 1845 e 1857, que, em linhas gerais, continuam vigorando, são de origem francesa, e sua introdução no Brasil foi efetuada por meio de um Ritual português, do **Grande Oriente Lusitano** e do Rito Moderno, impresso em Lisboa em data e em tipografia ignoradas. Sabe-se, apenas, que foi antes de 1822. Refiro-me ao primeiro Ritual usado pelo **Grande Oriente do Brasil**, quando outro ainda não havia sido impresso em nossa Pátria. ▲





MÚSICOS MAÇONS: AS COLUNAS DA HARMONIA

Ir.: José Maurício Guimarães, 33º

Nos Graus Simbólicos da Maçonaria, a Música é apresentada como uma das Artes Liberais. Nem por isso precisamos ser músicos no sentido técnico da palavra, mas torna-se evidente o refinamento do gosto musical entre os que melhor se realizam na Arte Real. Nosso simbolismo discorre sobre o *Trivium* – três espaços do pensamento: Lógica, Gramática e Retórica; e o *Quadrivium* – quatro proporções da matéria: Geometria, Astronomia, Aritmética e a Música – esta compreendida como teoria dos números aplicada aos sons.

Das primeiras décadas do século XVIII até nossos dias, filósofos, famosos escritores, magistrados e cientistas foram Maçons; e vários se destacaram como grandes compositores da música universal.

A ideia que temos da Música como elemento transformador vem de **Pitágoras** (570 495 a.C.) que descobriu as proporções das notas musicais no comprimento de uma corda. Os pitagóricos buscavam expressões artísticas propícias à mente humana e representadas pelos “modos” gregos (ou escalas) e através do ideal de “música das esferas”.

Platão (428 347 a.C.) considerava a Música mais do que o aprendizado de instrumentos ou do canto, mas como

disciplina que aplicasse ordem sobre o caos do pensamento.

Para os limites deste artigo selecionei três compositores comprovadamente Maçons: **Mozart**, **Sibelius** e o nosso **Carlos Gomes**. Os nomes de **Johann Christian** (filho de **Bach**), **Beethoven**, **Verdi** e **Wagner** aparecerem no texto por evidenciarem a probabilidade de eles terem sido iniciados nalguma outra Ordem ou corrente maçônica, assim como **Franz Liszt**, **Felix Mendelssohn**, **Giacomo Puccini**, **Erik Satie** e outros.⁽¹⁾

As Sete Artes Liberais. Oficina de Francesco Pesellini, século XIII



Período Clássico – de 1750 a 1820

Wolfgang Amadeus Mozart foi um dos maiores gênios da humanidade. Menino prodígio, compositor, pianista, organista e violinista, nasceu em 27 de janeiro de 1756, em Salzburg, na Áustria. Viveu apenas 35 anos.

Compôs quase oitocentas obras das quais conhecemos pouco mais de seiscentas: a primeira Sinfonia, aos 8 anos; as primeiras óperas com 12; o primeiro quarteto de cordas aos 14. Aos 10, era um dos maiores virtuosos da Europa, no piano e no violino. Tinha espantosa facilidade com a matemática, álgebra e geometria. Aos 15, falava francês, inglês, italiano e latim.

Ingressou na Maçonaria aos 28 anos. Mas o curioso é que, aos 16, compôs a canção *O heiliges Band* (Oh, Laços Sagrados) para uma cerimônia na Loja de **Tobias Gebler**. Na mesma época, manteve contatos com **Theobald Marchand**, fundador da Loja de Mannheim.

Em 1764, Mozart estava em Londres, levado pelo pai numa exaustiva turnê, quando fez amizade com **Johann Christian Bach** (1735-1782), filho mais jovem de **Johann Sebastian Bach**. Mozart era um menino de 8 anos; Johann Christian tinha 29.





Iniciação em Loja maçônica de Viena, quadro de Ignaz Unterberger (1742-1797)

Mozart e Schikaneder em sua Loja Maçônica, em Viena, Áustria.



Agradeço a Deus por me ter dado a alegria e privilégio de aprender a encarar a morte como chave da nossa verdadeira finalidade na vida. Estou certo de que vós me compreendeis agora, meu pai.

(Mozart's Letters, Mozart's Life, Robert Spaethling, 2005, W. W. Norton Company)

Não sabemos ao certo até onde foi a carreira maçônica de **Leopold Mozart**. Ele preferia a vida mais calma em Salzburgo, onde nutria a esperança de ser o *Kapellmeister* local.⁽³⁾ **Joseph Haydn** parece ter se contentado com a Iniciação no Grau de Aprendiz e, segundo consta, não mais voltou à Loja.

As três últimas obras de **Wolfgang**, todas do ano de 1791, foram a ópera A

Johann Christian fixara-se em Londres em 1762, ficando popularmente conhecido como o **Bach Inglês**. Seu nome aparece entre os músicos Maçons da época, provavelmente iniciado na *Grande Loja da Inglaterra* que já contava meio século de existência.

Johann Christian influenciou a música de Mozart e, pela cultura precoce do menino, conjetura-se que assuntos relacionados aos "mistérios iniciáticos" teriam ocupado parte das conversas entre os dois. De volta à Áustria, eles trocaram vasta correspondência e, quando Johann Christian faleceu, Mozart estava compondo o Concerto para Piano nº 12, cujo segundo movimento é o tema de *La calamità del cuore*, de Johann Christian.

Mas a iniciação de Wolfgang na Loja *Zur Wohlthätigkeit* (Para a Beneficência) aconteceu em 14 de dezembro de 1784; foi ao Grau de Companheiro em 7 de janeiro de 1785 e tornando-se Mestre uma semana depois.

O entusiasmo de Mozart pela Maçonaria levou-o a indicar seu pai, **Leopold Mozart**, para ser iniciado na mesma Loja; e depois, levou seu querido mestre e amigo **Franz Joseph Haydn**.⁽²⁾

Após a Iniciação do pai, Wolfgang escreveu-lhe:



O menino Mozart, quadro atribuído a Pietro Antonio Lorenzoni (1721-1782)

Flauta Mágica, o Concerto para Clarinete e o famoso *Requiem*.

A *Flauta Mágica*, de inspiração rousseauniana, é repleta de pensamentos iluministas e simbologia maçônica. O aspecto geral é de um conto de fadas com elementos cômicos. O texto foi escrito por **Emanuel Schikaneder** (1751-1812), empresário, dramaturgo, ator e cantor, Maçom da mesma Loja que Mozart.

Resumidamente, a *A Flauta Mágica* narra a iniciação de Tamino, príncipe egípcio. Pamina, filha da Rainha da Noite, representa a sabedoria em potencial, cerceada pelo medo. A Rainha da Noite, mãe de Pamina, personagem cheia de contradições, simboliza a escuridão, uma sátira contra a imperatriz **Maria Theresa**, inimiga declarada da Maçonaria. Sarastro, pai de Pamina e sacerdote de **Ísis e Osíris**, é o Sol hierofante da Fraternidade e iniciador nos mistérios. Papageno é um ingênuo caçador de pássaros que aceita ser iniciado, desde que não tenha que abrir mão dos prazeres mundanos; é a personificação bom selvagem de **Jean-Jacques Rousseau**.

Um dos diálogos mais representativos do iluminismo maçônico acontece no segundo ato, quando os iniciados, entre colunas, argumentam com Sarastro sobre a admissão de Tamino:

Um Iniciado – Grande Sarastro, reconhecemos vossa fala cheia de sabedoria e vos admiramos; Tamino está sozinho no calabouço e será submetido a duras provas e feroz batalha. Ele tem coragem?

Outro Iniciado – Ele é um príncipe!

Sarastro – Mais do que isso; ele é um homem!

(tradução livremente adaptada)

A ópera teve sua primeira apresentação em 30 de setembro de 1791, dois meses e cinco dias antes da morte do compositor.

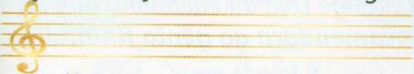
José Braga Gonçalves, em seu livro *O Maçom de Viena* (Prime Books-2005), chama nossa atenção para uma rara



Mozart, o menino-prodígio que arrebatou a Europa. O quadro não faz justiça às belas feições do garoto, segundo dizem.



Impressionante cenário para apresentação de *A Flauta Mágica*.



coincidência: **Mozart** escolhera como endereço onde viveu, a *Domgasse, 5* (*Dom, catedral + Gasse, rua estreita*). Mais tarde a *Rauhensteingasse, 8* (*Travessa da Pedra Bruta*) onde morreu: (*Rauhen, áspero + Stein, pedra*).

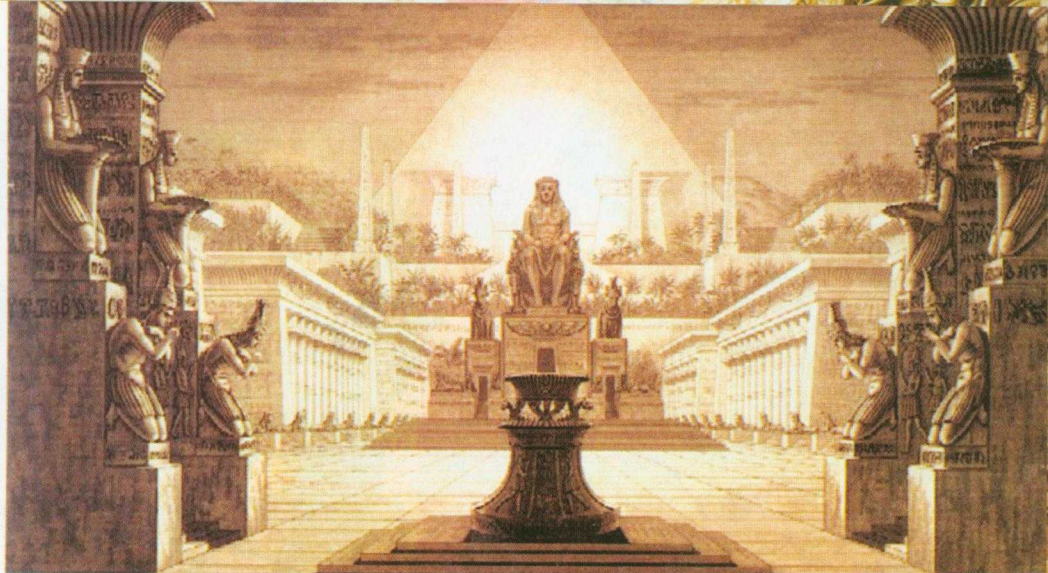
Mozart não foi um mero Maçom motivado pelo modismo da época. Era um estudioso e, com certeza, se debruçou sobre os cânones da Maçonaria.

As circunstâncias em que ele compôs o *Requiem* (obra inacabada) denotam que o pensamento a respeito da morte foi dominante durante toda sua vida, apesar de ele só o deixar transparecer nos últimos meses de 1791. Queixava-se de ter sido envenenado e delirava, durante a febre, com um misterioso encapuzado que lhe encomendara o *Requiem* destinado ao seu próprio funeral. **Mozart** morreu cercado de poucos amigos, em Viena, na madrugada de 5 de dezembro. Seu sepultamento foi simples e acompanhado por poucas pessoas. Foi enterrado em vala comum, como indigente, em local que permanece ignorado.

Nove anos após sua morte, a viúva **Constanze** entregou ao editor **Härtel** um plano redigido pelo marido para a criação de uma sociedade secreta com o nome de *A Gruta*. Esse manuscrito encontra-se desaparecido.

Aos 17 anos de idade, **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) conheceu Mozart. A princípio, a intenção de Beethoven era tornar-se aluno de Mozart. O ano era 1787 e ninguém sabe como foi esse único e rápido contato. Mas o arqueólogo, filólogo e crítico de arte, **Otto Jahn** (1813-1869) se aventurou em relatar como teria sido o encontro:

“**Beethoven** foi levado à casa de **Mozart** que lhe pediu para improvisar alguma coisa no cravo. Beethoven tocou. Mas para certificar-se de que não era uma peça preparada de antemão, Mozart o desafiou com um tema inventado na hora. Beethoven improvisou variações de tal maneira que Mozart se dirigiu aos demais espectadores dizendo:



– *Prestem atenção neste rapaz, pois seu nome ainda será reconhecido mundialmente.*”

(*Life of Mozart*, London, 1882-Novello, Ewer & Co.)

Beethoven também foi discípulo de **Haydn**, mas não há vestígios de que a Maçonaria tenha ocupado as conversações entre os três gênios. Nem podemos dizer com certeza se Beethoven foi iniciado, mas há indícios.

Em 1977 a *Schirmer Books* da *Macmillan Publishing* publicou o livro de **Maynard Solomon**, *Beethoven*, considerado um dos estudos mais autorizados sobre o assunto. Diz Solomon que, após a supressão das Lojas maçônicas pela imperatriz **Maria Theresa**, em 1776, surgiu a *Ordem dos Illuminati*, com um ritual semelhante ao maçônico, para dar prosseguimento aos ideais do Iluminismo. Muitos amigos de Beethoven faziam parte dessa organização, entre eles **Gottlob Neefe** (1748-1798), líder do grupo e primeiro professor de Beethoven. Mas o grupo também foi dissolvido e transformado numa *sociedade de leitura* (espécie de academia ou “aréopago literário”) que incluía, entre outros, o conde **Ferdinand von Waldstein** (protetor e mecenas de Beethoven) e **Ferdinand Ries**, amigo, aluno e secretário.

Quando, em 1808, **Beethoven** compôs a *Fantasia Coral*, já prenunciava a futura Nona Sinfonia. O poema musicado na *Fantasia, Seufzer und eines Ungeliebten Gegenliebe* (*Lamentos de quem não é amado e o amor recíproco*), de **Christoph Kuffner**, resalta ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e harmonia entre os homens, com forte apelo ao misticis-

mo transmitido pela Maçonaria da época:

Quando reina o fascínio da música e as palavras do poeta levantam vôo, surgem formas maravilhosas e as trevas tormentosas se convertem em luz.

(tradução livremente adaptada)

Treze anos mais tarde, na *Ode an die Freude* (*Ode à Alegria*) da Nona Sinfonia, **Beethoven** musicou, para o último movimento, o poema de Schiller, onde aparecem os mesmos ideais:

Amigos, mudemos de tom e cantemos algo cheio de alegria! Que todos nos irmanemos nesta boa sorte de sermos amigos. Rejubilem-se, embriaguemo-nos de alegria no seio da Natureza! Todos seguindo rastros de rosas, alegres como voam os sóis através da abóboda celeste. Abracem-se milhões de irmãos! Sobre os espaços estrelados mora um Pai Amado. Prosterne-nos diante d'Ele!

(tradução livremente adaptada)

Período Romântico (1810 a 1920) e o Nacionalismo (1830 a 1950)

A música do compositor finlandês **Jean Sibelius** (1865-1957) teve papel importante na independência de seu país. Dentre suas mais importantes composições, estão as sete sinfonias, o Concerto para Violino e Orquestra, o poema sinfônico *Finlândia*, contra o domínio russo tornando-se uma espécie de segundo hino nacional dos finlandeses.

A inquietação de **Sibelius** e suas frequentes reflexões sobre o caráter efêmero da vida levaram-no a compor a plangente *Valsa Triste* (para a cena em



13

Os direitos das composições maçônicas de Sibelius pertencem à Grande Loja da Finlândia, que os encomendara ao gênio finlandês.



Bulwer-Lytton], *O Navio Fantasma* lenda sobre a redenção pelo amor e, na mesma temática cavaleiresca, *Tanhäuser*, *Lohengrin*, *Tristão e Isolda* e *Os Mestres Cantores de Nurembergue*. Na saga das mitologias germânica e escandinava dos *Eddas* (coletânea de textos do século XIII), compôs quatro óperas do ciclo *Der Ring des Nibelungen* (*O Anel dos Nibelungos*): *O Ouro do Reno*, *A Valquíria*, *Siegfried* e *Crepúsculo dos Deuses*. *Parsifal* baseada na lenda cristã do Santo Graal estreou em Bayreuth em julho de 1882, sete meses antes da morte do compositor.

Giuseppe Verdi (1813-1901) foi o maior compositor do canto lírico de todos os tempos. Teve também importante papel na formação do sentimento nacional italiano durante a unificação da Itália. Os Maçons e revolucionários da época escapavam da censura pelos agentes do Império Austro-Húngaro gritando pelas ruas e escrevendo nos muros a sigla *V.E.R.D.I.* (*Vittorio Emmanuelle Re D'Italia*), que aclamava **Vittorio Emmanuelle II**, futuro primeiro Rei da Itália unificada. Foram contemporâneos de **Verdi** os Maçons **Giuseppe Mazzini** e **Camilo Benso de Cavour**, que garantiram a invasão de Nápoles e a Sicília pelo também Maçom **Giuseppe Garibaldi**. Depois de unificada a Itália sob uma monarquia constitucional, **Verdi** foi eleito Membro da Câmara dos Deputados, indicado por **Benso de Cavour**. Esses são apenas indícios de uma possível filiação maçônica. Na ópera *Nabucco*, representando a libertação dos hebreus, o coro entoava *Va, pensiero*, que diz:

Vá, pensamento, sobre asas douradas e com a doce fragrância do solo natal! Saúda as margens do Jordão e as torres abatidas de Sião.

Oh, minha pátria tão bela e perdida! Reacende a memória em nosso peito, lembra-nos o destino de Jerusalém!

(tradução livremente adaptada)

Outras óperas que revelam o pensamento libertário de **Verdi**, dentre

que a morte dança com uma mulher moribunda) e *O Cisne de Tuonela* (ave de um rio imaginário que separa os mundos dos vivos e dos mortos).

Levado pelo movimento *Fennoman*, que lutava pela língua e cultura de seu país, estudou no *Finnish-Hämeenlinnan Normaalis* e no (Liceu Normal de Hämeenlinna), a primeira escola a adotar a língua finlandesa. Depois, entrou no Instituto de Música e estudou direito na Universidade de Helsinki. Mas abandonou o curso para se dedicar exclusivamente à composição musical.

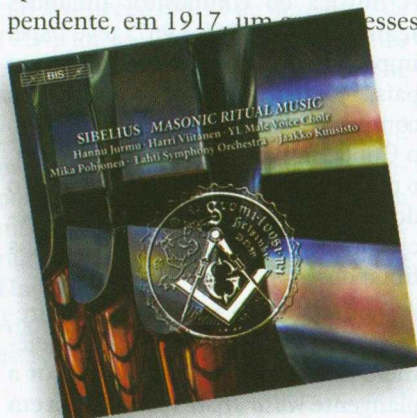
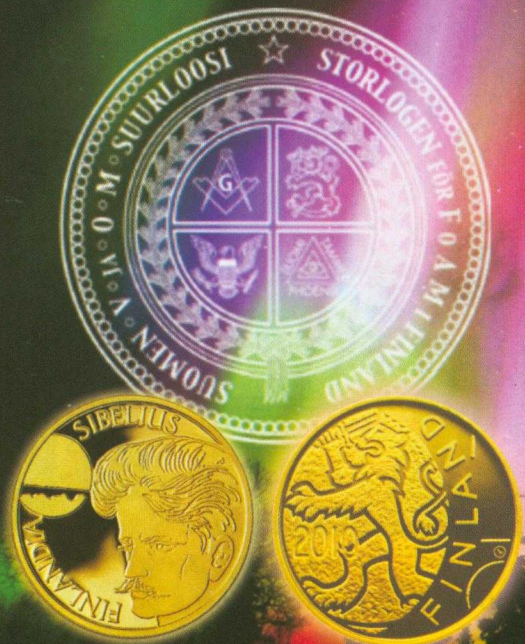
Durante uma estadia em Berlim e Viena, fez contato com intelectuais que despertaram nele o sentimento de libertação nacional. Eram pensadores finlandeses, alguns vindos da América, que lutavam para que a Maçonaria finlandesa, proibida por **Alexander I** da Rússia, em 1813, fosse reestabelecida.

Quando a Finlândia se tornou independente, em 1917, um

maçons reergueu as colunas da primeira Loja finlandesa de 1756. Entre eles, **Joonas Kokkonen**, também compositor e maestro; **Risto Ryti**, quinto presidente da Finlândia; **Hannes Kolehmainen**, um corredor olímpico de longa distância; **Martti Miettunen**, primeiro-ministro; **Teuvo Aura**, político liberal e o militar **Paavo Juho Talvela**. **Sibelius** foi iniciado em 18 de agosto e proclamado, em 1923, um dos fundadores da *Grande Loja da Finlândia* independente.

Sibelius compôs música maçônica especial ainda usada nos três graus simbólicos: *Hino de Abertura*; *Preparando o Altar*; *Os Pensamentos Sejam Nosso Conforto*; *Música para o Primeiro Grau*, *Cortejo e Hino Folhas Verdes*; *Hino de Louvor*; *Música para o Segundo Grau*: *Quem Possui Amor*; *Ode à Fraternidade*; *Música para o Terceiro Grau*, *Cortejo e Hino*: *Quem Partilha o Pão com Lágrimas*; *Marcha Fúnebre*; *Em Frente, Irmãos*; *Ode ao Grande Deus* e *Quão Justas são a Terra e a Vida!* (4)

A música de **Richard Wagner** (1813-1883) ressalta o ancestral orgulho nacional alemão – não obstante o abominável uso que os nazistas fizeram dela 80 anos mais tarde. **Wagner** participou, juntamente com **Theodor Reuss**, de uma tentativa de reavivar a Ordem dos *Illuminati* de **Adam Weishaupt**, extinta em 1784 pelas autoridades políticas e religiosas da Baviera. Suas principais óperas são *Rienzi* (baseada no romance gnóstico de





mais de 30 obras-primas, são: *Os Lombardos na Primeira Cruzada*, *Joana Darc*, *Jerusalém*, *A Batalha de Legnano*, *Rigoletto* (denúncia sobre a devassidão das cortes), *O Trovador* (sobre os ciganos), *La Traviata* (crítica de costumes), *Aída* (tema egípcio) e *Otello*.

O brasileiro **Antônio Carlos Gomes** (1836-1896) foi o mais importante compositor de ópera das Américas. Obteve carreira de destaque na Europa, com *Il Guarany* (1870), sendo o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no Teatro Alla Scala. Sobre ele, **Verdi** teria dito: – *Questo giovane comincia dove finisce io!* (este jovem começa onde eu termino).

Carlos Gomes foi iniciado na *Loja Amizade* (a primeira da cidade de São Paulo) em 24 de junho de 1859. Os enredos de suas principais óperas *Il Guarany* (inspirada em *O Guarani*, de **José de Alencar**), apresentada em Milão em 1870; e *Lo Schiavo* (*O Escravo*) de 1889, inspirada em texto de **Alfredo d'Es-cragnoille Taunay** e homenagem à **Princesa Isabel** – foram corajosas denúncias dos horrores da escravatura e dos abusos cometidos contra os índios brasileiros.

Carlos Gomes, assim como o abolicionista **José do Patrocínio**, acabou sendo vítima da retaliação republicana pelo também Maçom **Florianio Peixoto** (1839 1895), segundo Presidente da República, cognominado

Marechal de Ferro. Por ter manifestado gratidão a **D. Pedro II**, que lhe financiara os estudos na Europa, **Carlos Gomes** se recusou a compor o hino da República. Teve suspensa sua nomeação para o cargo de Diretor do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, sendo “embarcado” para o Pará, sob as ordens do Maçom **Lauro Sodré**, com o pretexto de ele organizar e dirigir o Conservatório daquele Estado. Para o longínquo norte – Cucuí, no alto Rio Negro – também foi “despachado” o Maçom, farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político **José do Patrocínio** – filho de uma escrava alforriada com um vigário –, por ter manifestado gratidão à **Princesa Isabel** após a abolição.

Doente e desgostoso, **Carlos Gomes** teve o estado de saúde agravado. Apenas uma vez conseguiu sair de casa para visitar o Conservatório que não chegou a dirigir. Enquanto isso, o governo de São Paulo autorizou uma pensão de dois contos de réis mensais enquanto ele vivesse e, por sua morte, quinhentos mil réis aos filhos, até completarem 25 anos. Cercado de amigos, Carlos Gomes morreu na noite de 16 de setembro de 1896. Seu corpo foi embalsamado, exposto à visitação pública e dois dias depois transferido para o Conservatório de Música.

A pedido do então presidente do Estado de São Paulo, **Campos Sales**, o

Primeiro músico brasileiro a brilhar na Europa, Carlos Gomes, apesar de Maçom, sofreu com a mediocridade republicana e com a leviandade da Semana de Arte Moderna de 1922.



corpo do compositor foi trazido de volta à sua cidade natal, sendo sepultado num monumento-túmulo na cidade de Campinas, em 2 de julho de 1905. ▲

Notas

(1) Entre os músicos populares, foram maçons **Irving Berlin**, **Duke Ellington**, **John Philip Sousa** e **Louis Armstrong**. Também os brasileiros **Bob Nelson**, **Jorge Veiga**, **Lamartine Babo**, **Luis Gonzaga**, **Luis Vieira** e **Pixinguinha**.

(2) **Leopold Mozart** (1719-1787), compositor, professor de música, violinista e autor do *Gruendliche Violinschule* (Escola Completa do Violino) bastante conhecido na época; **Franz Joseph Haydn** (1732-1809), ao lado de **Mozart** e **Beethoven**, um dos mais importantes compositores do classicismo e autor mais influentes da história da música erudita ocidental.

(3) Mestre-de-capela, importante e bem paga função do músico responsável pelas execuções e composição de novas músicas.

(4) Álbum **Sibelius: Masonic Ritual Music** (**Hannu Jurmu** – YL, Coral Masculino e Orquestra Sinfônica de Lahti regente, **Jaako Kuusisto**).





Maçonaria F. C.

Ir.: José Alves Rodrigues Filho, M.:I.:

Em 26 de outubro de 1863, Londres, Inglaterra, na *Free-mason's Tavern* (Taberna do Franco-Maçom), nasce o futebol moderno (*Football Association*), regido pela *International Board* (criada em 1837) e até hoje, 2017, com pouquíssimas mudanças em suas 17 regras de jogo. E em Paris, França, em 21 de maio de 1904, era criada a *Fédération Internationale de Football Association - FIFA* (por iniciativa do francês **Robert Guérin**, tesoureiro da *União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético-s - USFSA*), que rege as competições oficiais do esporte e que pode sugerir mudanças, mas não tem o poder de alterar qualquer regra. Antes, também em Londres (através da Primeira Grande Loja, na Inglaterra, 24 de junho de 1717), nascia a Maçonaria Simbólica com seus *landmarks* formalizados. Comparando-a com o futebol moderno, vê-se que as Obediências nacionais tomam conta de suas Jurisdições estaduais e estas,

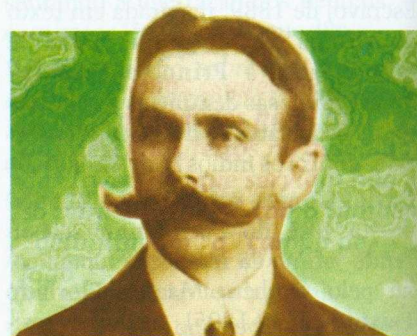
de suas Lojas. As regras do jogo maçônico são regidas pelo detentor do Rito e as Obediências não podem (ou, pelo menos, não devem) alterá-lo.

Futebol moderno no Brasil – Aspectos sociais brasileiros do século XX

O esporte, quando nasceu, vingou entre homens cultos e de bom status social; bem mais tarde é que se popularizou. Mas, no Brasil, o futebol, no começo do século XX, foi rapidamente bem compreendido e aceito. Fábricas inglesas estabelecidas no Brasil já praticavam a modalidade entre seus operários, embora com alguns preconceitos. Os funcionários eram normalmente descendentes de ingleses ou de famílias de razoável cultura e educação; quem não trabalhava na formalidade não tinha acesso, pois era difícil adquirir uma única (!) bola, uniformes, calçados próprios, terrenos planos e livres etc.

O “pai do futebol” no Brasil

Filho de ingleses, **Charles William Miller**, aos 9 anos de idade, foi para Londres estudar. Quando voltou formado, em 1894, trouxe uma bola e as regras do futebol em sua bagagem. É considerado o “pai” do esporte no Brasil. O primeiro jogo oficial foi disputado em 14 ou 15 de abril de 1895, entre os funcionários da *Companhia de Gás de São Paulo* e da *Companhia Ferroviária São Paulo Railway* (este, o primeiro clube de futebol fundado no Brasil, em 13 de maio de 1888, dia da Lei Áurea).



Charles Miller



O povão via, mas não jogava

Aí, o pobre começou a descobrir que uma bola de meia podia ser a do jogo, as traves (balizas) podiam ser dois pedaços de pau fincados nas linhas de fundo imaginárias e os uniformes podiam ser simbólicos, “camisados” e “descamisados”. A sola do pé descalço era a chuteira natural e... deu certo!

O esporte se alastrou por todos os terrenos baldios e praias. Grandes craques começaram a aparecer para competir com os “riquinhos”. Alguns cartolas passaram a oferecer dinheiro “por fora” para ganhar apostas feitas entre si. Até 1940 a coisa era nessa base: operário até jogava arrumadinho em seus campeonatos fabris; quem era desempregado conseguia alguns *bichos* (prêmios) pagos por seus “empresários”...

Aos poucos, os clubes de futebol que estavam se formando (quase todos oriundos dos de regatas ou das várzeas locais) foram se fortalecendo e, de repente, centralizando multidões em seus jogos, sentiram o interesse de políticos dessa época – até hoje a política tem interesse no futebol!...

O esporte começou a se consagrar no Brasil e os pobres começaram a ter acesso a um dinheiro que nunca tinham visto. **Jorge Amado**, na década de 30, chegou a escrever sobre “o país do futebol”.

O jogador de futebol

Embora o ‘fenômeno futebol’ fosse eletrizante para todas as plateias, o jogador não era bem visto. No pós-guerra (1945), nenhuma família tradicional (papai e mamãe, sogras e cunhadas, filhinhos e filhinhas) permitiria que uma filha casadoira namorasse um jogador de futebol. “*Nem mortos!*”, diriam papai e mamãe, que desejavam que os pretendentes fossem médicos, engenheiros ou, no mínimo, advogados.

Naquele tempo, outras profissões também não eram bem vistas: chofer de praça, cantor ou cantora de rádio, ator ou atriz de teatro ou circo.

Tocar violão mostrava o mau caráter do boêmio. Mulher podia tocar piano, mas homem tocando o instrumento (já viu!), era efeminado. Ser dentista não era uma boa, só quando doíam os dentes. Garçom era tarefa



A Seleção de 1958 e a Taça Coupe du Monde, World Cup ou Jules Rimet, foi inspirada na estátua da deusa grega da vitória, Nike de Samotrácia, acervo do Museu do Louvre.



serviçal de filho de família pobre. O projeto era formar seus filhos homens em profissões “decentes” e suas filhas como normalistas e professoras, possível apenas para poucas famílias.

Nem pensar em ser manicure ou enfermeira! As mulheres, evidentemente, mesmo formadas, se casariam para gerar filhos e ser uma digna dona de casa. Concursos para o Banco do Brasil, academias militares e empresas públicas eram bem considerados. E o ex-pobre, ex-marginal jogador de futebol agora tinha dinheiro, namorava as melhores mulheres dos bares sociais da vida, dos cassinos, dos teatros, pagando todas as despesas das farras; às vezes comprando carro importado, aparecendo nos jornais e rádios (as mídias da época) por causa de seus gols ou de seus pequenos escândalos – mas não era bem visto pelas tradicionais famílias de classes média ou rica.

Porém o futebol era o máximo: quantos rapazes de boa família foram proibidos de jogar aquele esporte que ele via nos estádios junto com seus pais? Ver o artista da bola era fantástico; já permitir que seu filho fosse jogador, artista, era um vexame doméstico e familiar, nem pensar...

A primeira grande chance

Aí, veio a chance de ser campeão do mundo, coisa inimaginável. A 1ª Copa do Mundo depois da II Guerra

Mundial, a 4ª competição da FIFA, seria no Brasil em 1950. Construiu-se o maior estádio do mundo, o Maracanã, com capacidade para abrigar 160 mil espectadores – na final, dia 16 de julho, chegou a comportar 200 mil!

A euforia tomou conta dos brasileiros. O jogador de futebol passou a ser considerado um deus, no mínimo, um santo. Entretanto, quando se chegou à final da competição, bastando um empate, o Brasil foi derrotado pelo Uruguai por 2x1, perdendo o título. O “*povo decente, trabalhador, chefe de família*”, voltou a achar que todos os jogadores eram mascarados, filhos de rameiras, mercenários, bandidos, demônios no pior sentido.

Mas a bola rolou...

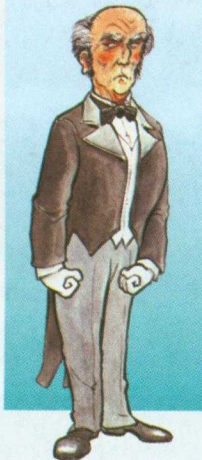
Depois da derrota de 1950, o Brasil conseguiu reagir e montar uma estrutura administrativa e esportiva competente. Em 1952 ganhou o *Pan-americano de Futebol*; em 1954 formou um time razoável para a Copa do Mundo, mas perdeu para os magiares, os húngaros, por 4x2; em 1956 fez excursão à Europa, com muitas derrotas e muitas lições. Em 1957, convocou **Pelé**, do *Santos F.C.*, o maior jogador de todos os tempos, para formar em 1958, uma das melhores seleções do mundo e conquistar, finalmente, seu primeiro título importante: **Campeão Mundial**, na Suécia, com a Taça *Jules Rimet*.

Repetiria a façanha em 1962 (Chile),





NAÇÕES UNIDAS



192
MEMBROS



FIFA



208
MEMBROS

Há mais seleções de futebol na FIFA do que países na Organização das Nações Unidas...

1970 (México, quando ficou de posse definitiva da Taça), 1994 (EUA) e 2002 (Ásia: Japão e Coréia). Além disso, foi vice-campeão em 1950 e 1998.

Houve uma nota triste, que nos envergonha. A Taça Jules Rimet, toda em ouro maciço, conquistada em 1970 pelo Brasil, o primeiro país a ganhar por três vezes o título, ficava exposta na antiga CBF, na rua da Alfândega, no Rio. Todos pensavam que era uma réplica. Menos os ladrões que a derreteram...

Hoje, o troféu disputado é a Taça FIFA de Futebol.

Analogias com a Maçonaria

Para melhor entender, podemos armar este paralelo: no futebol, a *International Board* é a dona dos "direitos autorais" das regras aplicadas (o Rito, digamos), cabendo à *FIFA* administrar as maiores competições oficiais e internacionais do esporte, como a Copa do Mundo de seleções e os campeonatos mundiais de clubes. A *FIFA* delega autonomia às Confederações continentais para criar competições como a Eurocopa, os campeonatos sul-americano, africano ou asiático e

os campeonatos nacionais.

A *Confederação Brasileira de Futebol - CBF*, por exemplo, representa o futebol do país com suas seleções e rege os Campeonatos Brasileiros em suas diversas divisões, repassando às Federações Estaduais a incumbência de reger os campeonatos de suas respectivas regiões. Estas Federações (como as jurisdições maçônicas em cada estado) têm como afiliados os clubes brasileiros em suas jurisdições. Todos estes "poderes" são subordinados a uma mesma regra e a uma mesma Obediência final: a *FIFA*.

Analogamente, na Maçonaria, por exemplo, a *Grande Loja Unida da Inglaterra*, dona do ritual de *Emulação*, determina como aplicá-lo nas Lojas. As Lojas maçônicas são autônomas, mas afiliadas às respectivas jurisdições e têm registros jurídicos formais, com endereço, CNPJ, estatuto, regulamento interno e relação nominal de seus sócios ativos, os "jogadores", e dos novos "atletas" a serem "contratados", os quais já foram aprovados e aceitos conforme regras pré-estabelecidas. Comparando, as Lojas são os clubes de futebol, com seu status definindo o perfil de seus membros, os *jogadores*, e as jurisdições maçônicas, são as federações estaduais.

Para se entrar em um clube há que se pagar o valor do seu status. O jogador vai ganhar salário maior ou menor de acordo com a sua competência e o

poder econômico-financeiro e social da agremiação. Para ser admitido em uma Loja maçônica, o candidato há que pagar o valor do status da entidade – a história e a competência da Loja e de seus *professores e mestres*. Depois, receberá seus "salários" simbólicos previstos, que significam o valor inicial (da própria iniciação de Aprendiz) e os *aumentos* na passagem (elevação, no REAA) a Companheiro e na elevação a Mestre Maçom (exaltação, no REAA), merecidos pela prestação de seus serviços na defesa e na divulgação do conhecimento, da ética e da moral.

Por que se dirigiam para ali? Para receber seus salários. Como os recebiam? Sem escrúpulos ou receio. Por que dessa maneira peculiar? Sem escrúpulos, porque sabiam que a eles tinham todo o direito; e sem receio pela grande confiança que depositavam, naquela época, na integridade de seus chefes.

Da mesma forma que no futebol, sob autorização formal e regulamentar, ligas para a prática de competições "menores" podem ser criadas na Maçonaria, as organizações paramaçônicas, como os *Capítulos DeMolay* e os *Betéis de Filhas de Jó*, por exemplo. Confrarias podem ser, também, estabelecidas. No Rio de Janeiro, minha Loja, a *York 3355*, tem a *Confraria Abiff ao Ponto*, um anexo gastronômico e cultural.

Como nos clubes de futebol, uniformes, escudos, distintivos, estandartes



Não podemos esquecer que os painéis maçônicos nasceram dos desenhos feitos no assoalho das tavernas, que serviam não só para instrução" como também "delimitavam" o "campo de jogo"...





Le Luci del Tempo, uma revista italiana dedicada aos estudos tradicionais e iniciáticos: adaptação da conhecida alegoria do século XVIII sobre o construtor construído por suas próprias ferramentas e por seus símbolos.

Qual é a forma da Loja? Um paralelepípedo. Suas dimensões: em comprimento, vai do Oriente ao Ocidente; em largura, entre o Norte e o Sul; em profundidade, da superfície ao Centro da Terra e a altura, até os Céus.

Como são essas linhas

As medidas formam um grande retângulo dividido em duas partes iguais. As áreas, grandes e pequenas, também são retangulares: em todos os seus cantos, os ângulos são retos. A linha de gol, junto com as traves e travessões, formam 8 retângulos e 44 ângulos retos.

Até agora, o que precisamos? **Esquadro, carretel de linha e giz branco!**

[E os conhecimentos] como esperais encontrá-los? Com o Centro. O que é um Centro?

Um ponto no interior de um círculo, do qual todos os pontos da circunferência são equidistantes. Por que com o Centro? Porque esse é um ponto do qual um Mestre Maçom não pode errar.

As demarcações circulares

Sete são os centros de circunferências. Nos 4 cantos extremos da superfície do campo formam-se ângulos retos

com $\frac{1}{4}$ de círculo, que determinam os locais para as cobranças dos escanteios. Nas grandes áreas, a marca do pênalti é o centro da circunferência da qual faz parte a chamada 'meia-lua', que tem o mesmo raio do grande círculo central. E, no meio do retângulo formado pelo campo inteiro, na metade da linha que separa os lados de cada equipe, há um ponto, no centro da circunferência chamada 'grande círculo'. É neste local que as partidas são iniciadas ou reiniciadas, após cada gol ou no início do 2º tempo.

O que foi preciso para demarcar?

Compasso!

Assim, o Livro da Lei (o livro das regras), a Linha, o Esquadro e o Compasso são os únicos instrumentos indispensáveis para se abrir a Loja, digo, o campo de futebol.

Evidentemente, para se demarcar a tábua de delinear (o campo de jogo) precisamos de giz (cal branca, normalmente) e carretel, para facilitar nossa vida de arrumadores de templo, marca-dores de linhas, atletas, amadores do futebol. Um prumo para ajustar a verticalidade das traves e um nível para garantir a horizontalidade do campo de jogo e do travessão (da baliza) são também importantes.

Um ângulo reto tem 90 graus e cada jogo 90 minutos. Um jogo inteiro com tempo de descanso e acréscimos leva em média duas horas, nosso tempo aproximado de sessão em Loja. E o que é um esquadro? Um ângulo de 90 graus ou $\frac{1}{4}$ de um círculo...

Tem mais: o jogo de futebol não pode ser iniciado nem continuar (se iniciado corretamente) com menos de sete de cada lado. Se isso ocorrer durante o tempo regulamentar, o jogo termina, acaba, se encerra, mesmo que seja apenas uma das equipes com menos jogadores que esse número cabalístico: sete!

Quantos Maçons e jogadores regulares são hoje no mundo?

No Brasil, o número de Maçons é menor que 400 mil. Nos EUA, são 2,5 milhões?

No mundo inteiro, mais de cinco milhões? O Autor não sabe responder. Mas se voltarmos a falar de futebol, quantos atletas estão inscritos regularmente, entre profissionais e amadores? Muitos, muitos mais do que Maçons,

e bandeiras existem para a prática da Maçonaria. O "uniforme" maçônico – terno preto ou escuro; gravata preta, vermelha, bordô ou branca conforme Rito; meias, sapatos e cinto pretos; camisa social branca, mais avental identificando grau – é igual ou quase igual para todos. E cada clube (Loja) tem seu perfil e sua identificação heráldica. Transferências de Loja para Loja, como nos clubes (os passes do futebol) são possíveis e regulamentadas. E todos fazem Maçonaria, "esporte" comum a todos os homens livres e de bons costumes iniciados na Ordem...

Esquadro, compasso, linha e cal (giz branco) bastam

A Tábua de Delinear (o Painel no REAA) é o chão (gramado ou de terra).

Vejamos: o campo, o piso da Loja, simbolicamente, desce e vai até o centro do planeta Terra e sobe até o firmamento; neste pensamento, a partir do Centro do campo, com suas linhas imaginárias, mais as linhas de fundo e das laterais no campo de jogo, estaria formado um paralelepípedo que entendemos ser a forma geométrica de uma Loja.





M.:F.:C.:

certamente. Entretanto, quantos são competentes para fazer parte desse pródigo mercado internacional? Ou podem ser considerados *vip* ou *best*, *supercraque*, e faturar salários extraordinários?

No grande universo do futebol internacional, o percentual é muito baixo. Brasileiros jovens, de pouca saúde e cultura, acabam criando a ilusão de que podem ser celebridades milionárias e seguem em busca de um lugar ao sol. Pais e mães pobres incentivam seus meninos a irem buscar nos clubes esse sucesso que substituirá a alimentação caseira e a obrigação da educação escolar e (quem sabe?) garantir emprego para o chefe da casa, que passará a ser o “empresário” de seu filho em transações milionárias...

O custo na Maçonaria e o salário do Maçom

Não insinuando qualquer desprezo às crenças religiosas, as pessoas podem entrar (de graça) nas igrejas. Nos cofrinhos da coleta da caridade, bota dinheiro quem quer. Se satisfeitas com a paróquia ou com o pastor, voltam, sempre sem compromisso financeiro. Se não gostam do ambiente, não voltam e procuram outra igreja. Um dia acham (ou não), mas teoricamente não gastaram nada.

Na Maçonaria, o profano se quiser

entrar, paga pra ver. E depois seus “salários” são, na verdade, ônus (taxas dos novos Graus, aventais, mensalidades, coletas de caridade, os troncos de solidariedade e as ajudas a Irmãos carentes.

Temos de entender que o novo “jogador”, para entrar no grande clube, a Loja maçônica, precisa conhecer todas as regras – o que é Maçonaria, o que é ser regular; a história da loja, o custo da intenção de matar sua curiosidade em conhecer “segredos”; o que terá de fazer para não se decepcionar e calcular o que deixará de comprar, para si e sua família, caso suas posses sejam limitadas; como conseguir pleno consentimento e apoio de seus familiares –, a fim de jogar o jogo fiel e lealmente e conquistar seu lugar ao sol (do oriente ao ocidente).

Buscando o conhecimento com esmero e sem vacilo, sem medo de ser feliz caso consiga ser o melhor de todos. O candidato tem que ser instruído e persuadido a entender que o valor cobrado pela Loja corresponde ao custo da melhor faculdade, a que tem os melhores professores e só admite aqueles que querem, de fato, estudar para serem os melhores.

Objetivos são fundamentais em qualquer organização decente. Saber administrá-los faz parte de nossas ciências econômicas. E de nosso senso ético, moral e espiritual.

Qualquer clube tem que assim proceder. E os “clubes maçônicos” não podem fugir dessas regras.

Súmula do jogo

Esta partida teve em seus times, a seguinte formação: goleiro (*Irmão Cobridor*); zagueiros de área (*1º e 2º Vigilantes*); laterais (*Mestre de Harmonia e Orador*); apoiador e armador (*1º e 2º Diáconos*); pontas (*Tesoureiro e Secretário*); atacantes de área (*Expertos*); centroavante (*Venerável Mestre, capitão do time*); treinador (*Guarda Externo*). Na reserva, outros Mestres, Companheiros e Aprendizes.

Resultado: **empate**.

Estádio do Templo do **Rei Salomão**.

Arbitragem a cargo do **Grande Arquiteto do Universo**.

Público pagante e renda, **sob malhete**. ▲



O AUTOR deste ensaio é carioca de 1941, mas antes de completar um ano de idade já estava em Santos, SP, onde foi criado, e lá viveu até seus 27 anos. Ainda mantém laços familiares e afetivos de grande importância na “cidade maravilhosa em miniatura”, terra de **José Bonifácio de Andrade e Silva**, Bartolomeu de Gusmão, **José Martins Fontes**, **Domitila de Castro Canto e Melo** (a histórica Marquesa), entre muitos outros; e, evidentemente, do **Santos Futebol Clube**, o melhor time do mundo durante 15 anos consecutivos – 1955 a 1969 – que conquistou, até hoje, 2 títulos de campeão mundial (mais 1 de vice-campeão), 8 de campeão brasileiro, mais de 20 de campeão paulista (3 tricampeonatos), 3 de campeão sul-americano. E que revelou um deus chamado **Pelé** que ao seu tempo (o dos títulos do Santos F.C.), ganhou 6 brasileiros, 10 paulistas (2 tri) e 2 mundiais (pelo clube) e outros 3 (pela seleção brasileira), fazendo oficialmente **1.281 gols**.

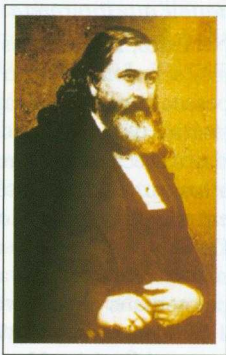
* o texto integral foi reeditado em 2017, na Revista “*Maçonaria Futebol Clube – a magia de uma fascinante partida amistosa*”.



20

O Pensamento Vivo de Albert Pike

Morals and Dogma



Chefe do Tabernáculo, o 23º Grau, foi um dos inseridos no *Rito de Perfeição*, quando da criação do primeiro *Supremo Conselho* e sua transformação no Rito Escocês Antigo e Aceito que conhecemos. Não é um texto fácil, compatível com a natureza do Grau, que mergulha nos antigos Mistérios, trazendo algumas associações e analogias interessantes.

Uma vez mais, porém, é um testemunho vivo da erudição de **Albert Pike**.

J. W. Kreutzer Bach

Chefe do Tabernáculo

Grau 23

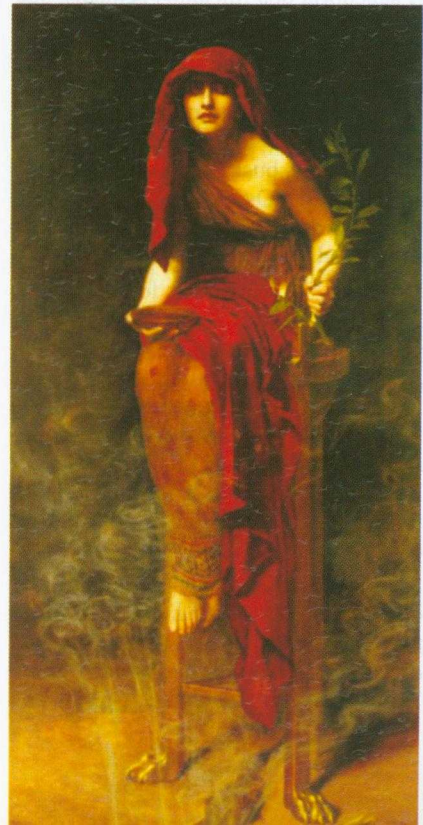
(continuação da *Astréa* #39)

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

Os sacerdotes gimnosofistas vieram das margens do Eufrates para a Etiópia e trouxeram com eles sua ciência e doutrinas. Seu colégio principal ficava em Meroé⁽¹⁾ e seus Mistérios eram celebrados no templo de **Amon**, famoso pelo seu oráculo. A Etiópia, à época, era um estado poderoso, que precedeu o Egito como civilização e que tinha um governo teocrático. Acima do Rei estava o Sacerdote, que poderia condená-lo à morte em nome da divindade. O Egito era composto da região denominada Thebaida⁽²⁾. O Egito Médio e o Delta eram um golfo do Mediterrâneo. Gradualmente, o rio Nilo formou um imenso pântano, que depois de drenado pelo homem, formou o Baixo Egito. Por muitos séculos, foi governada pela classe sacerdotal egípcia, de origem árabe, depois deposta por uma dinastia de guerreiros. As magníficas ruínas de Axum, com seus obeliscos e hieróglifos, templos e grandes tumbas e pirâmides, à volta da antiga Meroé, são muito mais antigas que as pirâmides de Mênfis.

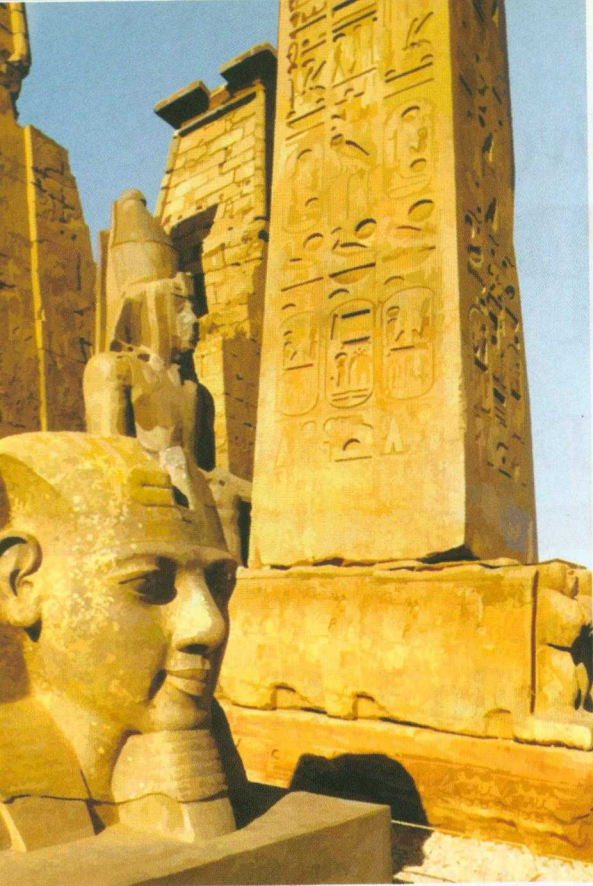
Os sacerdotes, ensinados por **Hermes**, incorporaram nos livros o oculto e as ciências herméticas junto com suas próprias descobertas e as revelações das

sibilas⁽³⁾. Eles estudavam, particularmente, as ciências mais abstratas. Descobriram os famosos teoremas geométricos que **Pitágoras** depois aprenderia com eles, calculavam eclipses e regularam, dezenove anos antes de



21

À direita, a tela do pintor clássico inglês John Collier (1850-1934), *Sacerdotiza de Delfos*, recria o ambiente de mistério que envolvia as sibilas gregas e suas profecias.



O Templo de Karnak, no Egito, é um fantástico site arqueológico, museu a céu aberto, com quatro milênios de existência, que o clima seco ajudou a preservar.

homens a arte de construir cidades e produziu algumas leis admiráveis. Ele desvendou o conhecimento do Zodíaco e o curso dos planetas, além de aos filhos dos homens que deveriam adorar a Deus, que deveriam jejuar, que deveriam orar, dar esmolas, oferendas votivas e dízimos. Ele reprovava alimentos abomináveis e bebedeira. E marcou festivais para o Sol em cada um dos signos do Zodíaco”.

Mâneton⁽⁶⁾ extraiu sua história de certos pilares que ele descobriu no Egito, nos quais havia inscrições feitas por **Thoth** (o primeiro **Hermes** ou **Mercúrio**) com letras e dialetos sagrados, depois traduzidas para o grego e depositadas nos recessos dos templos egípcios. Esses pilares foram encontrados em cavernas subterrâneas perto de Tebas e além do Nilo, não distante da estátua cantante de **Memnon**, em um lugar chamado **Siringe**⁽⁷⁾, descrito como sendo câmaras subterrâneas, feitas por aqueles hábeis nos antigos ritos. Antecipando a chegada do Dilúvio e temendo que a memória de suas cerimônias fosse apagada, construíram câmaras em vários locais, escavadas à custa de muito trabalho.

Do seio do Egito surgiu um homem de consumada sabedoria, iniciado nos conhecimentos secretos da Índia, da Pérsia e da Etiópia, chamado **Thoth** ou **Ptha**, por seus compatriotas, **Taaut** pelos fenícios, **Hermes Trimegisto** pelos gregos e **Adris**, pelos rabinos. A Natureza pare tê-lo escolhido como favorito e conferido a ele todas as qualidades necessárias para habilitá-lo a estudá-la e conhecê-la completamente. A Divindade, por assim dizer, inculcou nele as ciências e as artes, de maneira que ele pudesse instruir o mundo.

O som emitido pela estátua, em Tebas, no Egito, deu ao local o nome de Siringe, a ninfa perseguida por Pan, transformou-se em planta de canas delgadas, para fugir do assédio. Com as canas, Pan teria criado a flauta que tem seu nome...

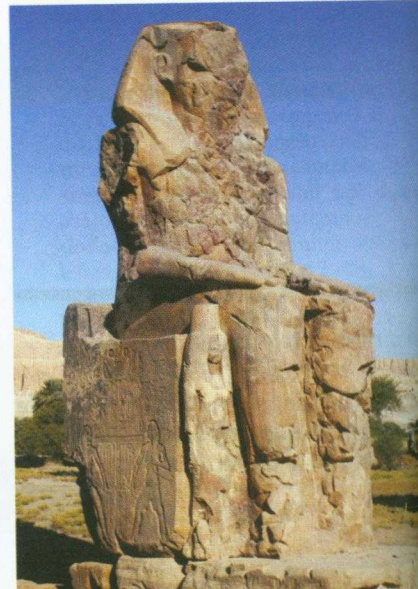
Ele inventou muitas coisas necessárias à vida e deu-lhes nomes compatíveis. Ele ensinou os homens a escrever seus pensamentos e a ordenar seu discurso; instituiu cerimônias para serem observadas na adoração de qualquer dos deuses; observou o curso das estrelas, inventou a música, aritmética, medicina, a arte de trabalhar em metais, a lira com três cordas. Ele regulou as três tonalidades da voz: a aguda, tomada do outono, a grave, do inverno e a mediana, da primavera, porque então só havia três estações do ano⁽⁸⁾. Foi ele quem ensinou aos gregos a maneira de interpretar termos e coisas, do que eles lhe deram o nome de **Hermes**, que significa *aquele que interpreta*.

No Egito, **Hermes** instituiu os hieróglifos, selecionando um certo número de pessoas que julgou capazes como depositários de seus segredos, as quais poderiam ascender ao trono ou aos mais altos cargos dos Mistérios. Ele os uniu em um corpo, fazendo-os Sacerdotes do Deus Vivo, instruiu-os nas ciências e nas artes e explicou a eles os símbolos pelos quais seriam velados. O Egito, 1.500 anos antes de **Moisés**, reverenciava nos Mistérios Um Supremo Deus, a quem chamavam o Único Não Criado. Sob este, eram reverenciadas sete divindades.

É a **Hermes**, que viveu naquele período, a quem devemos atribuir a ocultação no modo de adoração dos indianos, que **Moisés** revelou, mas sem nada mudar das leis de **Hermes**, exceto a pluralidade dos deuses místicos.

Segundo os sacerdotes egípcios, **Hermes** disse ao morrer:

“Até aqui, eu tenho vivido como exilado do meu verdadeiro país. Agora retorno para lá. Não chorem por mim: eu retor-



César, o calendário Juliano. Eles desciam a investigações práticas na medida das necessidades da vida e divulgavam suas descobertas para o povo. Cultivavam as belas artes e inspiraram as pessoas com aquele entusiasmo que produziu as avenidas de Tebas, o Labirinto, os templos de Karnak, Dendera, Edfu e Filae, os obeliscos monolíticos e o grande lago Méris⁽⁴⁾.

A sabedoria dos iniciados egípcios, sua ciência e a moralidade que ensinavam, a par de seu imenso cabedal de conhecimentos levavam a que fossem emulados pelos homens mais eminentes, quaisquer que fossem sua posição e fortuna, que buscavam admissão nos Mistérios de **Osíris** e **Ísis** ainda que tivessem que passar pelas provas mais complicadas e terríveis.

Do Egito, os Mistérios foram para a Fenícia e foram celebrados em Tiro. **Osíris** mudou de nome e tornou-se **Adôn** ou **Dionísio**, ainda representativos do Sol. Depois, esses Mistérios foram introduzidos sucessivamente na Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Sicília e Itália. Na Grécia e na Sicília, **Osíris** tomou o nome de **Baco**, e **Ísis**, o de **Ceres**, **Cibebe**, **Rea** e **Vênus**.

Segundo **Bar Hebraeus**⁽⁵⁾, “*Enoque foi o primeiro a inventar livros e diversas formas de escrita. Os antigos gregos diziam que Enoque é o mesmo Hermes Trimegisto que ensinou aos filhos dos*



no às terras celestiais para onde cada um vi à sua vez. Deus existe. Esta vida nada mais é do que uma morte.”

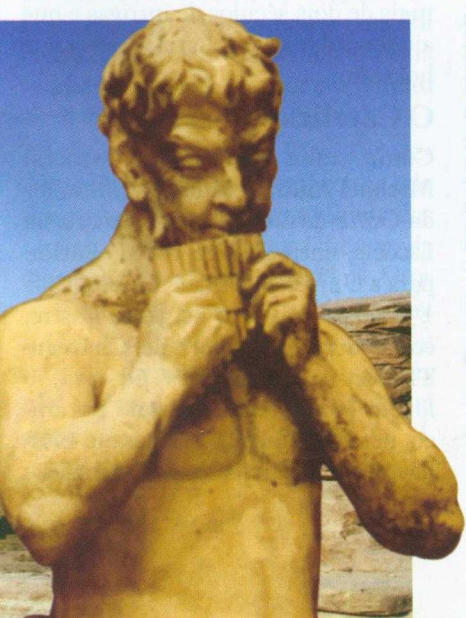
Este é, precisamente, o credo dos velhos budistas samaneanos⁽⁹⁾, que acreditavam que, de tempos em tempos, Deus mandava Budas à terra para reformar os homens, despi-los de seus vícios e conduzi-los de volta às trilhas da virtude.

Entre as ciências ensinadas por **Hermes**, havia segredos que ele comunicava aos iniciados somente com a condição de que eles deviam ligar-se, por um terrível juramento, a nunca divulgá-los, exceto àqueles que, depois de muitas provas, revelassem-se dignos de sucedê-los. Os reis até proibiram que fossem revelados sob pena de morte. Chamados de *Arte Sacerdotal*, esses segredos incluíam alquimia, astrologia, mágica, ciência do espírito etc. [...]

A rigorosa guarda dos segredos observada pelos sacerdotes iniciados e as ciências que professavam por tantos anos fizeram com que fossem honrados e respeitados em todo o Egito, que era tido, entre outras nações, como o colégio, o santuário das artes e ciências. O mistério que os rodeava despertava a curiosidade. **Orfeu** metamorfoseou-se, por assim dizer, em um egípcio. Ele foi iniciado em teologia e física⁽¹⁰⁾ e de forma tão completa fez suas as ideias e raciocínio de seus mestres que seus Hinos parecem mais de um sacerdote egípcio do que um poeta grego. Ele foi o primeiro a levar as lendas egípcias à Grécia.

Pitágoras, sempre sedento de conhecimentos, até consentiu em ser circuncidado para iniciar-se. A ele, as ciências ocultas foram reveladas no coração do santuário.

(continua)



<http://operaduomo.siena.it/it/luoghi/pavimento/>



Notas

(1) **Meroé** foi uma antiga cidade situada às margens do Nilo, região hoje dividida entre o Egito e o Sudão. Com mais de 200 pirâmides, túmulos de faraós núbios, é considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO.

(2) A região chamada **Thebaida**, assim chamada por estar próxima à antiga capital egípcia de Tebas, compreende o alto vale do Rio Nilo. Por volta do século 5 A.D., sendo desértica, atraía muitos eremitões cristãos que buscavam a solidão.

(3) **Sibilas** eram mulheres às quais se atribuíam dons proféticos. Em transe, respondiam a questões formuladas nos oráculos da antiga Grécia.

(4) Por volta de 2300 a.C., os egípcios, sob o Faraó **Senusret** ou **Amenemhat**, alargaram o canal que ligava o rio Nilo ao antigo lago de Méris para garantir irrigação e suprir de água nos períodos mais secos.

(5) **Mor Grigorios Bar Ebraya** (1226-1286), principal bispo da Igreja Ortodoxa Síriaca, ganhou a reputação de erudito por seus inúmeros escritos sobre filosofia, gramática, história, teologia e poesia. Sua fama advém de seus conhecimentos e de suas virtudes.

(6) Uma história do Egito, *Egípcica*, escrita por **Mâneton**, sacerdote egípcio do século 3 a.C., ao dividir os governantes por dinastias, serviu de base à cronologia do antigo Egito até os dias de hoje.

(7) Perto de Tebas, no Egito, devido a um terremoto em 27 a.C., abriu-se uma fenda em uma das duas enormes estátuas do faraó **Amenófis**, que os gregos associaram a um herói da guerra de Tróia, chamado **Memnon**. A umidade acumulada durante a noite, ao

Hermes, Mercurius Trimegistus, uma das belas ilustrações no piso da magnífica Catedral de Siena, de Giovanni di Stefano (1443-1506), feita em mármore entalhado já na Renascença. Acima, a planta mostra sua localização no piso da Catedral, que tinha sido construída de 1215 a 1265, antes da redescoberta do acervo da Antiguidade Clássica.

evaporar sob o sol da manhã, produzia um som. O nome *Siringe*, dado ao local, refere-se a esse som, de algum modo assemelhado ao da flauta campestre com esse nome.

(8) No calendário do antigo Egito, só constavam **três estações** de 120 dias por ano. Os cinco dias restantes eram um mês extra. A perda resultante da falta de exatidão somente seria retificada com o calendário Gregoriano.

(9) Há um verbete **Semaneano** no Volume 14 da famosa *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, editada em Paris, 1765, que esclarece serem os samaenanos filósofos indianos, uma casta separada dos brâmanes. Segundo o autor, o **Chevalier de Jaucourt**, foram mencionados por **Strabo** e **São Clemente de Alexandria**. Enquanto os brâmanes eram uma casta, os samaenanos poderiam pertencer a qualquer casta. Eles renunciavam à propriedade e à vida familiar. Eram vegetarianos e viviam em mosteiros que construíram. Não temiam a morte e eram estimados pela população.

(10) **Física**, aqui, deve ser entendida como ciências naturais.



James II
Stuart

MARKETING DE
DINASTIAS EM CHOQUE
AJUDAM A MOLDAR
OS ALTOS GRAUS DO
R.:E.:A.:A.:

George I
Hanover

GAME OF THRONES

Ir.: João Guilherme C. Ribeiro, 18º

O cenário

Como são estranhos os caminhos do mundo! Um grande amigo judeu disse-me um dia que, no *Talmud*, o livro básico do judaísmo, está escrito que “a maior tolice será dita por um sábio e que a maior verdade será dita por um tolo”.

Paralelamente, um fato ou um personagem aparentemente pouco expressivos desempenham o papel da faísca elétrica que serve de catalizador para que átomos de hidrogênio e oxigênio se combinem para formar a molécula de água. Há um catalizador desses na história do Rito Escocês Antigo e

Aceto. Ele aparece em um momento único e nunca mais. Porém, esse breve momento teve repercussões inesperadas.

Mas é necessário entender o contexto histórico daquele momento. O último rei Stuart, **James II**, havia se convertido ao catolicismo. Meio a contragosto, os britânicos aceitaram, até que o nascimento de um herdeiro complicou as coisas. Catolicismo, para seus súditos, lembrava monarquia absoluta, sem o tradicional parlamento, e, ainda pior, as ordens religiosas e a mão pesada da Inquisição, com suas torturas. Em 1688, **James II** foi deposto e constituiu uma dinastia rival sob a proteção do todo poderoso **Luís XIV**, o *Rei Sol*.

Acontece que, para piorar as coisas, **Luís XIV**, tinha acabado com a liberdade religiosa na França ao revogar o *Édito de Nantes*, três anos antes. Por este *Édito*, **Henrique IV**, ao conceder liberdade religiosa em 1598, havia conseguido terminar trinta e tantos anos de guerras religiosas, cujo clímax foi o tristemente famoso massacre de S. Bartolomeu. O todo poderoso *Rei Sol* jogou a liberdade no lixo e provocou o êxodo de algumas das melhores

inteligências francesas para a Holanda e a Inglaterra, o que, claro, exacerbou os sentimentos dos protestantes britânicos e preparou o cenário do drama.

Um pouco depois, em 1714, um príncipe protestante alemão assumiu o trono britânico e deu início a uma nova dinastia, **Hanover**, que, por sinal, reina por lá até hoje. Claro que a casa real destronada e exilada do outro lado do Canal da Mancha passou a representar uma ameaça séria aos novos donos do poder nas Ilhas Britânicas. E os Maçons que haviam acompanhado o monarca exilado eram um público potencial propício a todo tipo de conspiração política. E assim, naqueles tempos românticos, desenrolou-se um *Game of Thrones*, **Stuart x Hanover**, que consumiu mais de dois séculos de intrigas e que ajudou a dar à Maçonaria a forma que hoje tem...

O Catalizador

Claro, tinha que ser um escocês! **Michael Andrew Ramsay**, *Chevalier da Ordre de Saint Lazare*, nasceu na Escócia, entre 1680 e 1688. Entrou para a Universidade de Edinburgue aos 14 anos. Foi tutor de gente ilustre, como o jovem Duque de **Chateau-Thierry** e de **Charles Edward**, o *Jovem Pretendente* ao trono britânico, neto de **James II**, o soberano católico deposto pelo Parlamento inglês e



Em 7 de janeiro de 1689, Luís XIV recebe o destronado James II em Saint Germain en Laye,





Os protagonistas e os instrumentos da trama: Ramsay, Hérault e a publicação maliciosa com que o chefe de polícia procurou fazer com que a Maçonaria caísse no ridículo perante os nobres Maçons.

refugiado na França. Prova de sua reputação é que, apesar de católico e partidário dos Stuart destronados e exilados na França, foi convidado para ser tutor de um herdeiro da dinastia rival Hanover, que reinava no trono da Inglaterra. Ramsay recusou, por razões éticas.

Discípulo do filósofo Fénelon e amigo de Philippe d'Orleans, Regente de França, fez sucesso como escritor, foi eleito Fellow da Royal Society e ainda recebeu o título de Doutor em Direito Civil da Universidade de Oxford.

Nenhum Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito – desde que tenha lido um pouco mais além dos rituais dos Graus – ignora o famoso Discurso de Ramsay. Fundamental para os Altos Graus, o Discurso abriu novas perspectivas ao ligar – se comprovado ou não, pouco importa – a Maçonaria às Ordens de Cavalaria, às Cruzadas e, aqui sem dúvida, à Escócia.

O Discurso deveria ser lido na sessão

na assembleia trimestral da Grande Loja francesa, a realizar-se em 24 de março de 1737. Como a França, como vimos, vivia sob uma monarquia absolutista, Ramsay, então Grande Chanceler e Grande Orador, pediu permissão ao Primeiro Ministro, o Cardeal Fleury, que não só negou como determinou que Ramsay e o filósofo Montesquieu deixassem a Maçonaria, o que tiveram que fazer. O Discurso, então, não foi lido.

E aí? Se não foi lido, como foi que chegou às mãos dos Maçons?

O ardil do Chefe de Polícia

A Maçonaria era dor de cabeça para o chefe de polícia, René Hérault, Senhor de Fontaine-l'Abbée Vaucresson. Como defensor do regime, como não suspeitar de homens que se reuniam a portas fechadas, que juravam manter segredos sob penas terríveis? Como não desconfiar dos seus propósitos? Mais ainda: entre esses estavam os nobres, contra os quais ele pouco podia fazer.

Então, decidiu desmoralizar a Maçonaria. A primeira providência dele foi esvaziar os segredos, fazendo publicar os rituais maçônicos, que ele conse-

guira através dos serviços de uma cortesã que se aproveitara do descuido de um nobre inglês, Maçom.

O segundo passo, tudo indica, foi patrocinar, em 1741, uma publicação maliciosa, Amusements pour le Beau Sexe ou Almach des Cocus (Divertimentos para o Belo Sexo ou Almanaque dos Chifrudos), retrato da licenciosidade da época, cuja página de rosto dizia ter sido obra do impressor do Imperador da China! É nesta versão século XVIII da literatura XXX de nossos dias que aparece impresso, pela primeira vez e na íntegra, o Discurso, de Andrew Michael Ramsay.

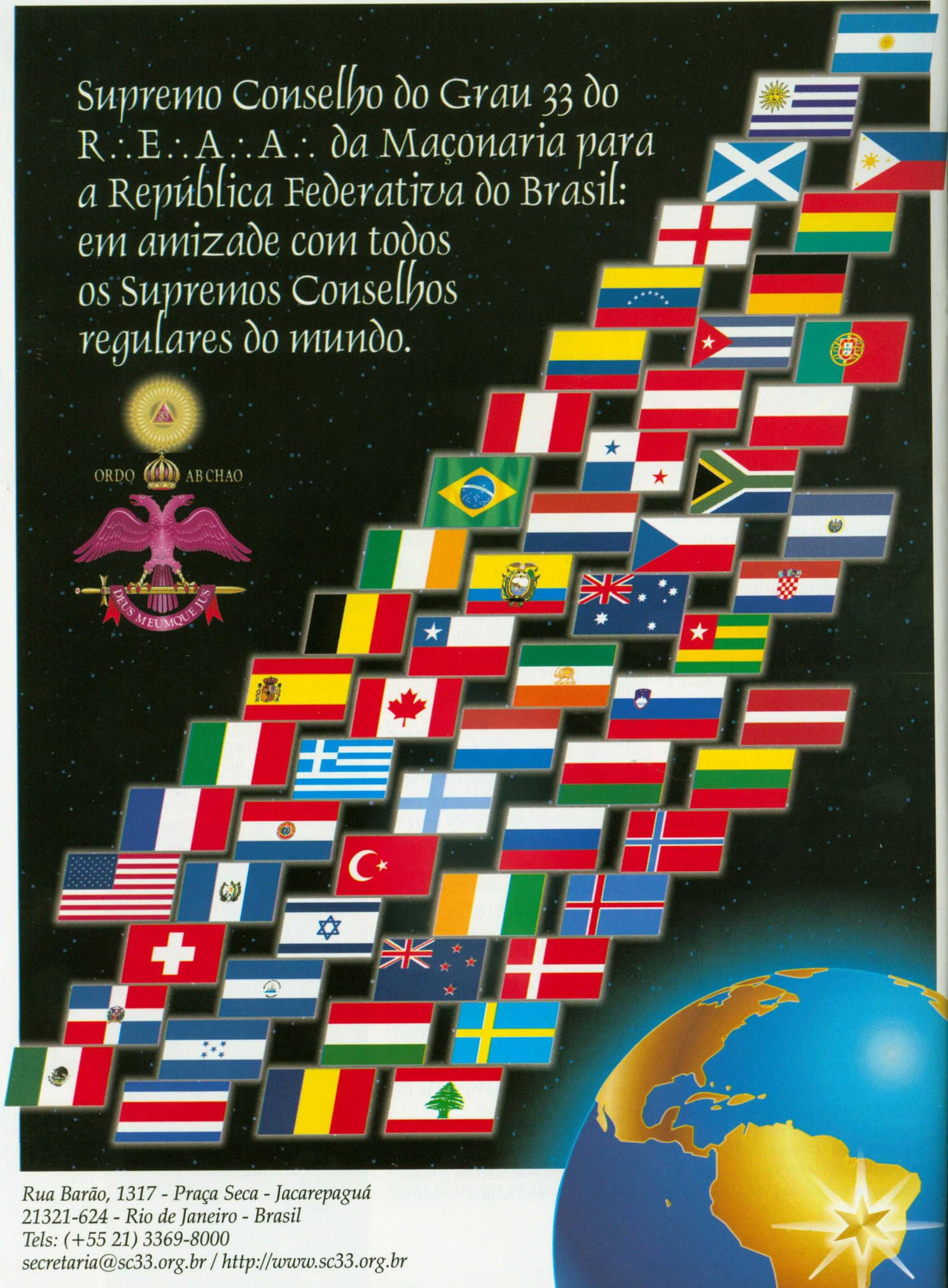
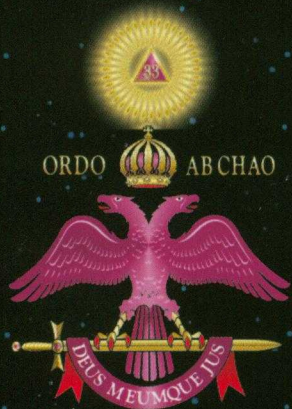
Pobre chefe Hérault... Bem ao jeito peculiar aos seres humanos, sua proibição e suas tentativas de desmoralizar a Ordem foram um tiro no pé – fizeram do Discurso, a única participação maçônica de Ramsay digna de nota, um importante alicerce dos Altos Graus, mas também, na verdade, uma habilidosa propaganda pró Stuart.

O Game of Thrones acabou e os Hanover reinam ainda hoje, sob o nome de Windsor. Mas os Altos Graus vieram para ficar, ironicamente organizados nas antigas colônias britânicas, então nóvel república, em que lutas dinásticas não faziam o menor sentido.

Sic transit gloria mundi... ▲



Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (+55 21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>